



**PRÊMIO
MARIA JOSÉ MALDONADO
DE LITERATURA
2017**

Antologia de Textos Premiados

Academia Volta-redondense de Letras

José Huguenin
(Organizador)

**Antologia de textos
premiados**

**Prêmio Maria José Maldonado de
Literatura 2017**

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2017

2017 © Academia Volta-redondense de Letras

2017 © Vários autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Volta-redondense, Academia de Letras

Antologia de textos premiados PMJML 2016 /
Academia Volta-redondense de Letras / Vários Autores .-- 2016.

ISBN: 978-85-69545-05-7

1. Coletânea de Poemas. I. Título.

2. Coletânea de Contos. II. Título

CDD:808.81

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Presidente do Conselho Deliberativo: Eldo Costa

Coordenação Editorial: José Huguenin

Organizador do PMJML: José Huguenin

SUMÁRIO

Apresentação

A repetição de uma boa experiência..... 6

José Huguenin

Maria José Maldonado.....8

Jean Carlos Gomes

Comissões avaliadoras9

Textos Premiados

Contos Premiados.....10

Poemas Premiados.....165

Apresentação

A REPETIÇÃO DE UMA BOA EXPERIÊNCIA

O Prêmio Maria José Maldonado de Literatura (PMJML) foi criado em pela Academia Volta-redondense de Letras (AVL) em 2015, ano em que completou dez anos de fundação. Nesta segunda edição, o PMJML 2017 continuou sendo um ponto de encontro entre leitor(a)s e escritor(a)s lusófonos espalhados pelo mundo, com a missão divulgar a língua portuguesa e a literatura, promovendo a produção literária nos gêneros Poesia e Conto.

O PMJML 2017 premiou quinze autores em cada gênero (Conto e Poesia) com avaliação às cegas. Cientes do papel que o PMJML pode exercer para promover a literatura na região, foi mantida distinção *Destaques Sul Fluminenses*, para enaltecer e reverenciar autor(a)s da região Sul Fluminense que se destacaram no certame.

Neste ano de 2017 e tivemos 600 inscrições, sendo 332 na categoria “Poesia” e 268 na categoria “Conto”. As inscrições vieram de todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal, além de contar com escritores e escritoras lusófonos de Cabo Verde, Moçambique e Portugal, terra natal de nossa homenageada.

Este ano tivemos a primeira participação dos docentes do Centro Universitário Geraldo Di Biasi – UGB, que aportaram experiência e conhecimento ao PMJML. Vida longa a esta parceria!

Dar o nome da acadêmica Maria José Maldonado ao prêmio confere a ele uma dimensão elevada de qualidade literária, sensibilidade e humanidade. Eis o motivo do desafio das Comissões Avaliadoras, a quem muito agradecemos pelo grandioso trabalho feito.!

A Antologia de textos premiados em 2017 traz uma seleção de textos de grande valor literário, com vasta temática. Vale destacar a maior participação de autores da região Sul Fluminense, o que nos motiva cada vez mais a continuar o projeto.

Aos autores selecionados nos dirigimos agradecendo a confiança no PMJML e parabenizando pelo destaque neste concorrido certame.

Aos leitores, o desejo de boa leitura e a certeza de que encontrarão textos de grande qualidade.

José Huguenin
Organizador do PMJML 2017
A.V.L. – Cadeira 17

MARIA JOSÉ MALDONADO

Maria José Bulhões Maldonado, poetisa que nasceu em Estremoz, Alentejo, Portugal a 20 de setembro de 1922,. Morou na cidade do Porto e em 1956, fixou residência em Lourenço Marques, Moçambique. Mudou-se para o Brasil em 28 de março de 1975, fixando-se na cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu por dois anos. Em 1977 chegou a Volta Redonda, onde residiu até o dia do seu falecimento ocorrido em 13 de novembro de 2010 em sua residência.

Em Moçambique escreveu dois livros: *Cântico à vida*, editado em Coimbra – Portugal em 1967 e *Teia do Tempo*, editado em Lourenço Marques, Moçambique, em 1972. Em Volta Redonda, publicou os livros *Dias Habitados* em 1985, *Perspectivas de Pássaro* em 1990, *Navegante da Palavra*, 1998 e *Amor-Mundi* (Antologia com inéditos e textos dos cinco livros anteriores), 2009.

Foi fundadora da Academia Volta-redondense de Letras.

COMISSÕES AVALIADORAS CONVIDADAS

Poesia

Elyane Lacerda - AVL – *Cadeira 11*

Jean Carlos Gomes - AVL – *Cadeira 29*

Icléia Goulart Gama - AVL– *Cadeira 31*

Luíza Pettersen Marconi – AVL – *Cadeira 19*

Elisa Andrade Costa – *UGB*

Fábio Elionar Carmo Souza – *UGB*

Contos

Aline Reis - AVL – *Cadeira 18*

Giovana Damaceno – AVL- *Cadeira 10*

Renato Barozzi – AVL – *Cadeira 23*

Olimpia Maria dos Santos – *UGB*

Abigail Ribeiro Gomes – *UGB*

Contos Premiados

ADNELSON CAMPOS

São Mateus do Sul - PR

Adnelson Campos, administrador, trabalha na Petrobras desde 1986, onde exerceu diversas funções gerenciais. É gerente de manutenção da Unidade de Industrialização do Xisto em São Mateus do Sul (PR). Casado com Denise, pai de Lucas, Vinícius e Helena, começou a escrever histórias de ficção em 2012, com textos selecionados e publicados em antologias impressas e digitais. É autor do livro “Histórias que as estrelas contam – um pouco de astronomia para adolescentes”.

Título Premiado: A estufa

Conheça mais obras do autor:

www.adnelsoncampos.com.br

A ESTUFA

Nina recebeu um telefonema inesperado. O gerente de um banco precisava falar-lhe com urgência. Estranhou, pois o homem lhe falou algo sobre decidir o que fazer com o dinheiro do tio Hipólito. Ela vivia sozinha desde a morte dos pais e do irmão num acidente de automóvel. Não tinha outros parentes dos quais tivesse conhecimento, a não ser o tio que há muito vivia isolado, cuidando de suas plantas.

Recordou alguns dos raros momentos em que esteve na casa dele, a pedido de seu pai: “Vamos, meninos. Precisamos visitar o tio Hipólito. Ele é estranho, mas é meu irmão. Precisamos ser solidários, quem sabe um dia ele muda”. Seu pai morreu e com ele a esperança da transformação do velho sovina.

O tio morava numa velha casa, que nunca vira uma demão de tinta. Os móveis, rústicos, foram todos construídos pelo próprio homem. Não havia luz elétrica na casa, e a água vinha de um antigo poço. Hipólito se recusava a pagar tarifas ao governo. O fogão à lenha de metro usava a madeira coletada nas matas da redondeza. Possuía no terreno uma horta onde colhia as verduras e legumes que

consumia. Criava algumas galinhas caipiras e tinha uma vaquinha que lhe dava o leite. Passavam-se os anos e ele calçava sempre as mesmas botas, a mesma calça de brim cheia de remendos e algumas camisetas que conservava desde o tempo do Serviço Militar.

Contrastando com toda a pobreza da morada e das vestes do Tio Hipólito, atrás do pomar, mais ao fundo do terreno, havia uma linda estufa, construída em madeira e vidro. Nela o homem havia investido boa parte de seu tempo e algum dinheiro. O interior era dividido em duas partes. Uma onde ele produzia as plantas e flores que vendia para o seu sustento e outra onde plantava as suas amadas folhagens, que não se desfazia por nada nesse mundo. Ninguém sabia ao certo se o cultivo da estufa lhe rendia algum dinheiro. Se rendia algum, com certeza não investia em si próprio.

Hipólito tinha o hábito de caminhar olhando para o chão, sempre procurando algo que pudesse ser reaproveitado e a única coisa que comprava no armazém eram alguns saquinhos plásticos, usados na produção das mudas. Geralmente, não saía de casa e quando o fazia, era a bordo de uma velha bicicleta Gärick da qual ele se orgulhava pelo estado impecável e do potente farolete, movido pelo dínamo instalado junto à roda. As compras eram feitas na

cidade vizinha, num velho armazém. Nunca entrava pela porta da frente. O proprietário o atendia em uma saleta nos fundos. Ninguém entendia o porquê, já que ele nunca levava nada de volta para casa.

Quando alguém visitava Hipólito, o máximo que ele oferecia aos visitantes era um pouco d'água, servida de um velho filtro de barro em copos reutilizados de massa de tomate. As frutas do pomar eram proibidas de se tirar e apodreciam ou eram comidas pelos pássaros, nunca dadas. “Se você dá alguma coisa para alguém, ele se acostuma mal e sempre vem buscar mais” – dizia Hipólito às gargalhadas. Desde que o pai morrera, Nina nunca mais vira o tio Hipólito. Não custaria nada ver como ele estava. Faria isso no fim de semana. Organizou as provas que aplicara durante o dia, precisava corrigi-las mais tarde.

No dia seguinte, aproveitando o horário do almoço, foi falar com o gerente do banco. Identificou-se e foi encaminhada para conversar com um gerente de contas. Estranhou o tratamento personalizado. Esperou por alguns instantes numa poltrona confortável onde lhe foram servidos café e água. Perguntou para a senhora que a servia:

- Todo mundo aqui é tratado dessa forma?
- Não senhora, só os clientes VIP.

- Acho que eles erraram de cliente, mas já que estou aqui, vou aceitar. Hoje o dia não será nada fácil.

Foi encaminhada para uma sala reservada e lá estava o gerente: sorridente e engomado. Estendeu-lhe a mão.

- Boa tarde! Senhorita Nina de Albuquerque Guimarães.

- Sim, não sei se sou a Nina de Albuquerque Guimarães que espera, mas este é meu nome.

- A senhorita não é a sobrinha do Seu Hipólito de Albuquerque Guimarães?

- Sim, sou eu.

- Pois bem, o Seu Hipólito foi um de nossos melhores clientes.

- Acho que o senhor está mesmo enganado. O tio Hipólito não teria dinheiro para guardar em um banco, quem dirá ser um cliente especial. Acho melhor o senhor ligar para este seu cliente especial e confirmar quem é a sobrinha dele, a de verdade.

- Infelizmente não será possível. Desculpe-me, talvez a senhorita ainda não saiba. Que falta de tato a minha. O Seu Hipólito faleceu há alguns dias.

Nina ficou um tanto sem jeito. Se fosse mesmo o tio quem morrera, se sentiria culpada por não o visitar.

- O senhor está enganado, com certeza.

- O nome de sua avó paterna é Tereza Albuquerque?
- Sim, isso mesmo.
- Então não temos um engano. Veja, esta é a cópia da carteira de identidade de seu tio.

Era o tio Hipólito na fotografia, muitos anos mais jovem, mas ele mesmo. A moça ficou pensativa por alguns instantes e o gerente calou-se compreendendo o momento pelo qual ela estava passando. Logo depois começou a contar a história que o fez procurar por Nina.

O Seu Hipólito um dia me procurou querendo abrir uma conta. Foi difícil, ele não possuía nenhum comprovante de renda e queria apenas depositar o valor mínimo. Eu disse a ele que poderia apenas abrir uma caderneta de poupança, o que ele aceitou. Durante anos e anos ele depositava alguns trocadinhos na conta, um mínimo para que ela continuasse aberta. Sempre me procurava e contava a história de sua estufa e das plantas cultivadas. Ele me dizia: “Essas plantas guardam todo o meu dinheiro”. Sempre imaginei que era uma boa escolha cuidar de plantas tão belas quanto as que ele tinha. Eu sempre comprava uma no dia do aniversário de minha esposa.

Passados vinte anos, ele entrou na minha sala, vestindo a mesma roupa usada no dia que o conheci, e me disse:

- Seu Cláudio, eu preciso de um carro forte, desses que transportam essa dinheirama toda.

- Não me diga que o senhor guarda dinheiro embaixo do colchão! Se guarda, é muito provável que não valha mais nada.

- Posso não ter estudo e nem viver numa bela casa como a sua, nem sento numa poltrona confortável, revestida em couro, porém bobo eu não sou.

- Não queria lhe ofender, mas preciso de um bom motivo para mandar um veículo até sua estufa.

Ele abriu um pacotinho plástico que guardava no bolso, um saquinho daqueles onde se produzem mudas e despejou em minha mesa um punhado de joias em ouro e algumas pedras preciosas.

- Tem muito mais de onde vieram estas – disse, deixando à mostra os dentes malcuidados.

- Seu Hipólito, joias para terem valor e serem aceitas em depósito precisam de algo que comprove a procedência.

Sorrindo, ele tirou do fundo do pacotinho os certificados de garantia das peças. Não tive como recusar o envio do carro forte. Fui até lá e presenciei uma cena incrível. Na

estufa, do lado direito havia plantas cuidadosamente cultivas em vasos de cerâmica. Uma beleza sem igual. No outro lado, um monte de cacos de vaso de cerâmica, outro monte com terra fértil e ao fundo uma pilha de plantas arrancadas. “Que pecado!”, pensei, olhando o aparente desperdício.

- Não fique triste, Seu Claudio. Eu ainda vou replantar todas elas no quintal ao lado. Eu precisava retirar os saquinhos plásticos onde guardei as joias por todos esses anos. Preciso que guarde isto para mim – me disse o Seu Hipólito.

Apontou para dois imensos baús, construídos em madeira de lei. Sorrindo, abriu um deles. Havia centenas de pacotinhos transparentes. Em cada um uma joia e seu certificado. Perguntei onde ele comprara as joias e ele contou-me que comprava de um comerciante, seu amigo, numa cidade vizinha.

Levamos uma semana, com horas extras, para avaliar tudo. Seu Hipólito já havia feito a sua própria avaliação e tivemos que corrigir nossos dados por duas vezes. Quando voltou ao meu banco, me pediu que transformasse tudo em dinheiro e que guardasse em nossos cofres.

Queria algum em espécie. Saiu com dois mil no bolso. Precisava aproveitar um pouco da vida, pegaria um ônibus e iria visitar a sobrinha, pois nunca visitara o irmão desde que saiu de casa, depois de se casar. Levaria uma plantinha para ela. “Uma daquelas que replantei” – me disse ele.

Eu o acompanhei até a porta do banco e fiquei o observando. Tinha um sorriso estampado no rosto. Correu para atravessar a rua, não procurou a faixa de pedestres. Foi atropelado pelo próprio ônibus que o levaria. Foi há duas semanas, tempo que levei para localizar a senhorita, a única herdeira dessa fortuna.

Nina reformou a estufa, construiu uma casa e uma escola no terreno. Para a escola escolheu o nome do tio. Seria a forma de libertá-lo de sua avareza, pensou ela.

As plantas cresciam cada vez mais exuberantes.

CÉLIA CHAMIÇA

Odivelas – Portugal

Natural de Odivelas, Portugal, escreve contos e poemas e foi premiada em vários concursos literários

Título Premiado: Num turbilhão de águas

Conheça mais obras da autora: celiachamica@gmail.com

NUM TURBILHÃO DE ÁGUAS

O vento forte sacudia as marés e empurrava-as num turbilhão de água envolta em espuma branca, caindo em cascata sobre o azul acinzentado do mar.

O frio era cortante, gelava a pele e agredia-a com golpes violentos que não sangravam mas pareciam abrir sulcos no rosto.

As mãos resistiam com dificuldade à imobilidade a que a temperatura do ar e das águas as condenavam.

Mestre Zé Velho ajustava as velas com dificuldade, enquanto rezava a S. Sebastião, suplicando-lhe um mar seguro. Esta não era a hora de pedir ao santo mártir um mar farto, que tantas vezes lhe pedia, como os outros pescadores de Matosinhos, antes de iniciarem a faina.

As mãos experientes do velho pescador eram ajudadas pelas dos companheiros de embarcação, homens ainda na força da idade, robustos e de pele crestada pelo sol e pelo sal do mar. Mas, mesmo unindo forças, nada podiam fazer para conter aquela força tenebrosa que destruía as amarras, as velas, os cabos de sustentação e parecia engolir os próprios homens na sua voragem assassina.

A tempestade ruía assustadora sobre o barco, ameaçando desfazê-lo em cada instante. O ribombar dos trovões em série e a luz cortante dos relâmpagos feriam o céu com os seus tons e estrondos que ficavam a ecoar no longínquo horizonte negro.

O velho pescador não temia a tempestade, velha companheira imponente e majestosa, que várias vezes havia tentado cobri-lo com o manto negro da morte. Aprendera a respeitá-la e, para ser honesto consigo próprio, tinha mesmo que admitir que quando o mar era chão sentia uma certa melancolia.

Via a tempestade no mar como um duelo único entre as forças do pequeno homem e as da imensa e poderosa natureza. Esta desigualdade enchia-lhe o peito de orgulho em cada sobrevivência, pois tinha triunfado sobre o poder dos gigantes do universo.

Achava mesmo que a luta do homem com a tempestade no mar era superior às lutas dos homens com os leões no tempo dos Romanos, histórias de outras gentes que ouvira aos catraios vindos da escola. E também muito superior à luta do homem com o touro na arena. Porque, no mar, o homem encontra-se diante da natureza despojado de quaisquer armas e tem que enfrentar a grande ameaça que,

escondida, o persegue para se abater sobre si com o poder conjugado do ar, da água e do fogo numa alquimia inimitável e arrasadora.

Mas, se era assim que o velho lobo-do-mar vivia a tempestade e tinha por ela até um certo fascínio, a verdade é que esse sentimento não era partilhado pelos restantes membros da sua tripulação. Estes comungavam com ele o sentimento de respeito por aquela força insaciável que se tem alimentado de milhares de homens ao longo das ancestrais gerações de pescadores. Mas a esse sentimento sobrepunha-se o terror que se abatia sobre eles quando ela os surpreendia e rodeava numa emboscada inevitável, impedindo-os de regressar a terra firme. Sentiam, então, dolorosamente longínquos os ventres quentes das mulheres amadas, a saudade dos seus seios fartos, amamentando os filhos, embalando-os com canções do mar descrevendo o seu tom de prata orlado de salpicos de marfim.

Mestre Zé Velho nunca temera a morte. Sentia-a como uma personagem sempre presente na sua vida, ora escondendo-se, ora aparecendo. Ameaçara levá-lo por algumas vezes, chegara mesmo a tomá-lo nos braços. Mas ele resistira. Estrebuchara-lhe nos braços vigorosos e libertara-se do seu abraço fatal.

Não que tivesse medo de partir. Nem que tivesse vontade de ficar. Era uma questão de orgulho pessoal. Havia-a vencido uma vez mais. E, sempre que ela voltasse para o desafiar, ele insistiria em revelar a sua coragem de homem-do-mar. Não resistiria a que a morte o levasse na doença, atravessado por uma arma ou outra qualquer fatalidade, mas não estava disposto a consentir que ela o arrebatasse no mar porque este era a sua casa. Lutaria contra essa calamidade até ao seu último sopro de vida.

Os companheiros procuravam resguardar-se da tormenta. Juntavam-se uns aos outros para, em conjunto, resistirem à força das águas que os queria arrastar para fora da cobertura. Haviam já desistido de cuidar das velas e do mastro. Tudo agora estava destruído. Encontravam-se à deriva, violentamente elevados em ondas imensas que tombavam em cataratas abruptas. As gaiotas haviam há muito abandonado os ares carregados de energia feérica e aterradora.

O Mestre da embarcação procurava encorajá-los e sobretudo evitar que entrassem em pânico, o que poderia ser fatal num momento como aqueles. Falava-lhes de outras tempestades que há muitos anos vencera e que eram incomparavelmente maiores que a que se abatia sobre eles.

Eles escutavam-no, procurando ancorar-se às suas palavras sábias, mas apenas a sua voz calma e segura os confortava porque a memória de tempestades vencidas por Mestre Zé Velho era também a memória de outros pescadores perdidos para sempre na noite dos tempos. E essa cruel verdade estava sempre colada a eles, como um sinal de alerta, lembrando a fragilidade do homem, sempre que a tempestade se anunciava no horizonte.

Finalmente, após longas horas de chuva torrencial, a tempestade amainou. A bestialidade da natureza parecia acalmar-se pouco a pouco findando numa tarde de chuviscos a riscar o horizonte tingido de um sol tímido a apontar um esboço de arco-íris no horizonte.

As ondas cada vez menos instáveis contribuíram para que a tripulação recuperasse o fôlego, afastando o espectro da tragédia e sentindo ressurgir a confiança.

Quando finalmente o barco avistou a linha da costa, os homens abraçaram-se comovidos, antecipando a emoção do desembarque.

Mestre Zé Velho observava-os com os seus olhos pequenos e vivos, muito negros e rodeados de pregas que o tempo marcou na pele. Com uma quase apatia via-os já a saltar para os braços das mulheres, que ansiosas os

aguardavam na orla marítima, com as crianças gritando de alegria e excitação por aquele momento tão repleto de emoções.

Era habitual celebrar o regresso dos viajantes do mar pois cada embarque tinha sempre pendente a incerteza da sua chegada.

A morte era uma personagem marítima, celebrava-se o regresso a terra quase como se fora do mar aquela figura assustadora perdesse o seu poder arrebatador. Mas, Mestre Zé Velho gravitava sempre com a mesma apática indiferença, como se há muito tivesse deixado de existir e o seu corpo o transportasse com a alma suspensa, aguardando o desfecho que lhe traria a tranquilidade serena que esperava encontrar no além.

Mestre Zé acreditava que o Eterno o conhecia bem e o transportaria um dia, que desejava não tardasse muito, embalado pela memória da sua jovem esposa tomada nos braços da desventura quando o coração a asfixiara de angústia com o anúncio de uma tempestade que teria engolido a embarcação que transportava o marido e que durante várias dias não havia sido possível localizar naquele turbilhão azul enfurecido. Quando a traineira deu à costa com Zé entre os sobreviventes, ao tempo era ele ainda

um jovem pescador, já a sua mulher partira para a eternidade. Desde então, nunca mais teve a saudade de uns braços quentes à sua espera e as chegadas perderam o sentido. Deixava-se ficar sentado no porto, fumando o velho cachimbo e contemplando a alegria estampada no rosto dos pescadores resgatados do mar para o calor das suas famílias que os aguardavam inquietas e rejubilavam agora com o seu regresso.

CORACY TEIXEIRA BESSA

Salvador – BA

Médica e Socióloga (aposentada). Contista, Cronista, Dramaturga, Poetisa e Romancista. Membro Emérito da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES), Premiações em concursos literários estaduais e nacionais – e um internacional, Prêmio Hebron de Literatura, Brasil / Portugal (3º lugar), em Curia, pela União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (UMEAL), Livros publicados pela Garcia Edizioni: Mulheres Milenares (Contos), Sementes Amargas e Universo Reverso (Romances).

Título premiado: A vestal

Conheça mais obras da autora: coracybessa@gmail.com

A VESTAL

“Por que ela?!” A pergunta, como rodamoinho, turbilhonava em meu pensamento. Por que a minha irmã gêmea fora escolhida e não, eu? Todos diziam que éramos tão semelhantes que chegávamos a ser “idênticas”. Aliás, esse fora o termo usado por meu pai quando o preposto do Supremo Pontífice do templo de Vesta viera para levar a escolhida para o sacerdócio da Deusa. “Elas são idênticas! Como saber qual das duas a Deusa escolheu?”, perguntou meu pai. “A Deusa indicou à Grande Sacerdotisa do templo os sinais da escolhida!”, foi a resposta. “E quais são esses sinais?”, indaguei atrevidamente. O silêncio que se seguiu foi a resposta que obtive de que não haveria nenhuma resposta. E a minha irmã foi levada para a glória! Havíamos completado oito anos de idade.

Desde que surgiram as conversas cochichadas pelos membros da família de que uma de nós duas fora escolhida para o sacerdócio da Deusa Vesta, a minha fantasia correrá solta. Ser uma vestal era a maior honra que uma menina poderia desejar para si e para a sua família. Uma vestal estaria liberada da tutela paterna e

familiar, seria investida de privilégios sociais obtendo respeito até mesmo das autoridades. Obedeceria ao Supremo Pontífice, à Grande Sacerdotisa e às vestais mais antigas, em seus primeiros dez anos de aprendizado das tarefas do templo. Os dez anos seguintes seriam dedicados ao exercício das tarefas aprendidas e os últimos dez anos de sacerdócio seriam empregados em transmitir às novas vestais os seus conhecimentos. Esse tipo de vida não me parecia nada difícil de ser vivido, em vista da contrapartida dos privilégios: independência financeira, respeito da sociedade, carruagem luxuosa para os deslocamentos às festividades religiosas ou aos festivais, poder de decidir querelas familiares, servir de guardião de documentos importantes e tantos outros. É verdade que havia um senão: o tal voto de castidade a ser cumprido pelos trinta anos do sacerdócio... Naquela época, eu nem sabia muito bem em que consistia essa tal “castidade”. Depois que a minha mãe, com muito pouco entusiasmo, se dispôs a me esclarecer sobre o assunto, não cheguei a me preocupar: afinal, os meninos que eu conhecia eram tão desagradáveis ou insossos que eu tive a certeza de que não seriam capazes de despertar nenhum interesse que se transformasse em tentação...

Eu estava tão segura de que seria a escolhida que, ao ver o meu desejo frustrado, senti a minha inveja se transformar no monstro de ódio que me acompanhou por muito tempo. Enquanto eu me dedicava às tarefas domésticas que me eram designadas, meu pensamento procurava adivinhar o que estaria fazendo a minha gêmea. Aquilo se tornou uma obsessão durante a minha adolescência.

Ninguém podia penetrar no templo exceto durante o festival anual da Deusa, quando era permitido às matronas de Roma ali adentrarem para orar pelos seus e pela cidade. Completados os meus dezoito anos, passei a arquitetar um plano ousado para satisfazer a minha curiosidade. Entre os agregados familiares havia um jovem que me seguia como uma sombra a todo lugar que eu ia. Aquela muda devoção não chegava a me incomodar: sentia-a como uma espécie de proteção. Afinal, as ruas de Roma não eram tão seguras como pensavam as garotas de minha idade. E eu gostava de me aventurar por elas tentando satisfazer a minha curiosidade inesgotável: queria saber como viviam as pessoas de outros círculos de convivência que não eram o meu. Procurei me aproximar do jovem simulando um

discreto interesse amoroso por ele. Queria mantê-lo sob meu poder de sedução para conseguir o meu intento secreto.

Dentro de poucos meses haveria a festa maior dedicada à Deusa Vesta: a Vestália, em junho. A procissão cerimonial mobilizaria toda a capital do Império Romano: afinal, Vesta era a deusa do lar, da família, do fogo e protetora de Roma. As vestais (ostentando seus penteados tradicionais de seis elaboradas tranças, a cabeça coberta pela estola branca, o manto púrpura a pender-lhes de um ombro, deixando a outra espádua desnuda), seriam vistas por todos, em suas carruagens engalanadas e coloridas. Seria a oportunidade que eu teria de rever a minha irmã. Eu planejava me aproximar dela, de alguma forma. Essa aproximação era fundamental para a execução do meu plano. Enquanto o festival de Vesta não chegava, eu continuava tecendo a minha teia de sedução para envolver o jovem patricio. Eu o fiz acreditar que seria sua por ocasião do festival e já estava segura de sua devoção apaixonada, quando chegou a esperada festa. Embora houvesse permissão, este ano a minha mãe não iria ao templo. Há alguns meses sofrera uma queda, fraturara uma perna e ainda estava impedida de se locomover --- o que fora providencial para o meu plano.

O dia de verão amanhecera dourado de sol, o céu límpido, perfumes florais impregnando o ar e músicos que executavam os acordes dos hinos tradicionais --- tudo em louvor da Deusa Vesta. Preparei-me para ir acompanhar a procissão devocional. Havia como um frenesi de expectativa engolfando a multidão. Envolta em minha túnica mais rica, aproximei-me do cortejo. As vestais, deslumbrantes em seus trajes elegantes e sóbrios, antecipavam o trajeto da Grande Sacerdotisa, guardiã do fogo sagrado. Vislumbrei a minha irmã em uma das últimas filas, seu rosto sereno e corado pelo sol, os lábios entreabertos num sorriso de plena alegria. Como a odiei! A usurpadora do meu destino ali estava fruindo da alegria e da glória de ser vestal. Com esforço, vencendo a compacta multidão, cheguei até ela e, sem nada dizer, disfarçadamente entreguei-lhe um bilhete. Nele eu lhe informava que a nossa mãe estava à beira da morte e queria vê-la pela última vez. Dizia-lhe que, ao anoitecer, antes que os cânticos de louvor à Deusa se emudecessem, eu a esperaria nas proximidades do templo para conduzi-la à nossa casa e, depois, ela seria trazida de volta por um segurança. Certificando-me da presença da minha “sombra” ao retornar para casa a fim de aguardar o entardecer, aproveitei para reiterar a minha

promessa de retribuir as juras de amor do meu apaixonado e recompensá-lo por tal devoção. Garanti-lhe que desconsiderasse os meus protestos de recusa que, certamente, seriam apenas produto da minha timidez. Combinei com ele que deveria me levar e me esperar próximo ao templo de Vesta, ao anoitecer, enquanto eu fizesse as últimas orações à Deusa. O olhar de júbilo que ele me dirigiu fez-me acreditar que eu poderia contar com ele em qualquer circunstância.

Preguiçosamente, o disco solar deslizou no horizonte ao tempo em que fogueiras se acendiam em todas as ruas de acesso ao templo. Driblando a vigilância familiar, saí apressada e corri para lá, seguida do meu “protetor”. Uma multidão ainda permanecia nas proximidades do templo, o que facilitou o meu propósito de desvencilhar-me dele e esconder-me. E aguardar pela vestal. Pouco depois vi, de longe, a minha irmã deixar o templo sem o manto e a estola sobre a túnica e, indecisa, procurar-me com os olhos. Apreensiva, esperei. Não demorou e a minha “sombra” se acercou da minha gêmea, tomando-a gentilmente pelo braço e se afastando em direção a minha casa. Acompanhei-os de longe. E eis que os dois se desviam da trajetória familiar e desaparecem na multidão.

A tragédia atingiu o meu lar com mais impacto do que o orgulho que o empolgara tantos anos antes: a minha irmã gêmea, a vestal, foi denunciada por ter violado o voto de castidade no dia da Vestália, e condenada a ser enterrada viva, apenas com um cântaro de água e uma côdea de pão por companhia...

DANIELE GARCIA PIRES

São Paulo – SP

Jornalista, escritora, vencedora do primeiro lugar no concurso Contos do Rio, do Jornal O Globo (2007), e um das 20 selecionadas para a antologia Contos de Todos Nós (2009).

Título premiado: Sombras na parede

Conheça mais obras da autora: nielegarcia@gmail.com

SOMBRAS NA PAREDE

Restos no chão denunciavam a festa na noite anterior. A dona da casa varria copinhos, guardanapos e tristeza escada abaixo, observada de longe pela mãe. A velha permanecia calada e confusa, como que arrancada de um pesadelo. Não que sua confusão mental fosse perceptível: na maior parte do tempo, mantinha a expressão serena comum às pessoas da sua idade. O fato é que tinha uma vaga lembrança da festa – um réveillon automático. Reviu mentalmente os rostos pouco ou nada familiares, especialmente o de uma parenta distante, que abandonara a casa ofendidíssima com uma gafe qualquer da velha. Lembrava, agora, dos fogos irritantes e da contagem regressiva. Não sabia em que ano estavam. Eunice – esse era o seu nome, disso se lembrava bem – olhou mais uma vez a filha única, que ainda estava com a vassoura em punho. “Ficou mais gorda”, pensou. Por um segundo, teve a certeza de ter visto a si mesma varrendo os copinhos. Eunice morava com a família da filha havia três anos. Após a morte do marido, ainda ficou por um tempo na casa de

Santa Tereza, vendida quando os sinais da doença começaram a aparecer. Na nova casa, no Grajaú, dividia o tempo e o espaço com a filha, dos seus quarenta anos, o genro e a neta – esta, com uns doze anos, não sabia bem. Também havia um cãozinho de latido fino, que morria de medo dela. Talvez por causa de uns pontapés sem memória. Passava os dias a alternar maturidade e criancice, intrepidez e confusão.

Se ainda tivesse condições de contar até dez, Eunice certamente teria o prazer de falar sobre sua biblioteca particular, agora reduzida a três livros de Guimarães Rosa, uns cinco de Machado e um ou dois de psicologia nos quais raramente encostava. Nunca clinicou: preferiu a vida acadêmica. Dava aulas para futuros jornalistas ou publicitários, geralmente pouco interessados em aprender sobre ego e superego. A rotina tranquila permitia mais horas em casa, e ela tinha tempo de sobra para pintar seus quadros. Eunice estava longe de ser um gênio da pintura, mesmo antes da doença. Mas tinha o mérito de ser autodidata e a vantagem de só pintar o que e quando lhe desse na telha.

A pintura acabou virando prescrição médica. Cavalete, tintas, pincéis e uma cadeira com almofadas

foram comprados e instalados na varanda – em um local fresco e estrategicamente longe do cachorro. Seria uma forma de acalmá-la, era o alerta do médico. “Pacientes com esse tipo de confusão podem se tornar agressivos”, ele dizia. Com o aval do doutor e a culpa longe dos olhos, a família depositava Eunice na varanda. Menos à noite, quando ela deveria ser lavada e penteada para dormir. Mas os pincéis nem sempre funcionavam. A agressividade era inevitável quando, por exemplo, o que era para ser um rosto na tela acabava por se tornar um rabisco infantil, irreconhecível aos olhos da própria pintora. Nessas horas, a filha observava calada, como se olhasse um espelho perdido no tempo.

Os dias de Eunice eram de constrangimentos, lapsos de memória e fraldas geriátricas. Uma enfermeira ajudava nas burocracias fisiológicas, mas não era difícil ver a filha incumbida dessa responsabilidade durante a folga da funcionária – caso Eunice voltasse a ter dois anos de idade de repente. Essas viagens no tempo afastaram a velha dos quadros. Passou a ficar mais tempo sentada na varanda, mas sem encostar nos pincéis. No entanto, se a infância voltava, Eunice multiplicava seus desenhos, para depois escondê-los ou destruí-los de tanta vergonha. O silêncio da filha passou

a não existir mais. Vivia se queixando às amigas pelo telefone. Chorava baixinho, sem dirigir qualquer olhar à velha fincada na varanda. As operações de limpeza se tornaram mais frequentes. Eunice também não conversava mais com a família – era difícil dirigir a palavra a pessoas sem nome. Só quando voltava a ter dois anos é que as conversas ficavam animadas, pelo menos para ela. Sorria para aqueles estranhos, tentava reproduzi-los na tela, ensaiava um esconde-esconde com a enfermeira. Mas a maior travessura de todas ocorreu dois meses antes de Eunice ser transferida para o hospital onde morreria dias depois.

Era uma noite perfeita para pintar. Silenciosa, sem lua e sem pudores. Sem os recalques que Eunice estudou na faculdade de psicologia. A noite eram só instintos – e infância. Ela voltou a ter dois anos, como de costume. Junto com a juventude, veio aquela vontade irresistível de sujar a tela. Dessa vez, no entanto, a brincadeira quis ser maior e foi ampliada para a parede branca da sala de estar. Como um aviso, como quem quisesse imprimir sua marca, Eunice se livrou das fraldas geriátricas. Sentiu-se mais livre para pintar.

Se todas as pessoas que passaram pela vida de Eunice a vissem naquele momento, formariam um mosaico de assombro. Os alunos da faculdade, o marido morto, a filha (que dormia, sem sonhos), as amigas de bailes na mocidade ou de chás na velhice. Ninguém entenderia, ninguém aceitaria aquilo: Eunice infantilizada, a fralda cagada em uma das mãos, um sorriso débil. Ela estava pronta para rabiscar a sala de estar. Se a vida de Eunice passasse pelos seus olhos, futuro e passado pediriam que ela parasse, que a parede sumisse, que o mundo acabasse. Mas a Eunice criança era livre para fazer o que bem entendesse. E algum resquício da Eunice adulta ainda exigia, feliz, que a menina mandasse aquilo tudo à merda e apenas transformasse o branco em diversão, o desprezo da filha em cor, o frio daquela casa em aconchego. Mandou tudo à merda. E, sem nenhum dos seus fantasmas para impedir, a Eunice de dois anos de idade fez o serviço sujo. Estava formado um quadro dantesco: uma pintora sinistra, com as pontas dos dedos encardidas, divertindo-se em meio ao fedor insuportável da sua arte escatológica, em forma de sombras na parede.

O mau cheiro acordou a família. Os gritos da filha ecoavam no corredor: “Não aguento mais você”, “não vou ficar aqui limpando sua bunda para sempre”, “eu não sou

“você” e mais um quilo de desabafos e soluções. Eunice apenas ria, satisfeita. O genro colocou a mulher e a filha para dormir e garantiu que cuidaria da parede no dia seguinte. Para alívio de todos, era noite de plantão da enfermeira, que, àquela altura, não sabia como se desculpar por ter cochilado. O sorriso de Eunice não desapareceu nem quando foi levada ao chuveiro, pouco antes da injeção de ansiolítico que a faria dormir. Não se arrependia da sua vingança ainda que a bucha vegetal rasgasse suas costas encurvadas. Velha e criança olhavam para o próprio reflexo no vidro do box. A menina se divertia com aquela mulher ensaboada, que sorria de volta para ela, feliz da vida. Era uma velha engraçada. Só pensava em desenhar o rosto dela no dia seguinte.

FRANCISCO FERREIRA

Conceição do Mato Dentro - MG

Poeta natural de Conceição do Mato Dentro, com mais de 600 classificações em concursos literários (Brasil, Portugal e Itália), participante de centenas de antologias e de várias academias literárias (RS, SP, ES, RJ, BA).

Título premiado: O amor e seus reflexos

Conheça mais obras do autor:

<http://impalpavelpoeiradaspalvras.blogspot.com.br/>

O AMOR E SEUS REFLEXOS

Ajustamos uns olhares de horas marcadas. Ela, tamponada na janela do quarto da sala, eu, de passagem apressada – modos de correição – como quem ia de compromissos e urgências. Mas qual? Pura vadiagem de menino-homem ainda frango, querendo ensaiar os primeiros cantos de galo.

Assim foi que dei os primeiros passos em terrenos de mulher, em barra de “barra de saia”, em negócios de fêmea. Conforme é muito fácil o percebimento, neste longe ainda não conhecia corpo e gosto de mulher, galalauzinho que eu era. Mas para aprender a ser homem basta o faro. Não carece professor, receita, mapa... nem bússola.

Passa tempo...Tempo passa e aquilo engrossou o caldo feito mingau em fogo baixo e ganhou patentes e liberdades. A moça iniciou tecidos de muitas agulhas e teias, sentada à porta com os joelhos à mostra. Quem me visse zanzando ali e acolá dizia que eu estava em trabalhos de muitos cargos, cargas e encargos de fiscalização, tantas vezes perneava aquela rua, bem medida, aos passos lentos e

curtos, rápidos e longos, com paradas estratégicas. Certa vez deixeis flor mimosa e sem espinhos, colhida na hora, feito bandeira, no mourão da cerca do quintal. Dia seguinte no lugar da flor, em bilhete perfumado, com florezinhas caprichosamente desenhadas e letra redondoza, a palavra: Bobo! – Quase nem acredito. Até hoje...

Num domingo de festas, padres e botinas lustrosas, na fila da comunhão, a moça deu três pancadinhas de dedos no meu cangote e falou:

– Licença!

Fiquei uma semana alisando o lugar que ela me tocou – como uma revoada de mil e mais mil borboletas – a mão da donzela.

Tempo passa...

Passa tempo e o perfeito das alegrias não foi ainda nascido para coração de homem. Pelo menos não para coração de homem pobre. A menina de meu bem querer se jogou de cabeça, trecos e tecidos, em noivado de supetão com um primo lá dela. Rendeu até falatório e coisa e tal. Ele, recém chegado da Mina de Morro Velho, amontado em besta brilhosa, bailarina e barulhenta e, carregando nas costas, além da corcunda, estabilidade de aposentadoria precoce, movida por mal sem cura de pleura, pulmão e

figado. Seco, amarelo e chiador feito peixe-tolo, mas com histórias de uns cobres sobrando na algibeira e ainda mais nos bancos. Diz-se que até talão de cheques. Arrebatou a moça e meu coração. Ela, para o altar e cama de cabeceira alta e, aquele, para o limbo dos corações e paixões desfeitas a força e fórceps. Bebi juras de vingança e morte em copos grandes, “amarrei o lote”, bambeeí valentia de garrucha velha e enferrujada na cinta. Nem atirava mais, capaz que. Até que Zé Prefeito, velho sábio e cego de u olho, mas que enxergava mais que toda a nossa gente junta, chamou-me às falas e me segredou conselhos:

– Deixa estar que isto não dura um nada. Nem um mijinho de gato. O rapaz é roncolho e tem pulmão não. A moça larga logo. Ou, mais certo das certezas, é que fica viúva. Viúva e com os cobres do desbagado. Ai você aproveita.

Embirrei. Engoli e vomitei fel de mágoa. Quem que o cego velho pensava que eu fosse? Cachorro pidão? Tatu de cemitério? Anu branco? Matava! Matava e pronto! Mas, semana e meia, depois de mais cinco bebedeiras e explanação de raivas e iras sem fim, atrelei o caso na estaca do esquecimento.

Passa tempo...

Tempo passa e casamento marcado, casamento rezado. Nem bem mês e meio, me chegou por mãos de alcoviteira, carta da desposada prima do mandi. Sem perfumes e nem florezinhas, letras agarranchadas. Mas trazia propostas de gordas safadezas, num papel de embrulhar carne manchada de banha de porco. Isso, dizia:

“Segunda o marido viaja a negócio. Volta só na quarta. Vou fazer um buraco na cerca no fundo do quintal, debaixo do pé de coité e deixar a porta da cozinha só encostada.”

A última réstia de sol daquela segunda flagrou-me feito lobisomem rondando os fundos da casa do casal, em busca dos fundos da moça. E, a primeira luz da terça-feira ainda me pegou na “rapação” com a mulher do roncador. Mas aquilo aumentou minha revolta: a moça reclamou de tristezas e saudades, amor e outras queixas. Desejei ligeiro e raivoso mil mortes dolorosas e lentas do rival, sem contudo, ser eu a segurar na mão da Pantasma que o levaria para as profundas.

Entretanto, na presença do regalo farto e fácil, degluti a rebelião e esbanjei na tarefa, de eito e empreitada, de sujar, nos lençóis da menina, o nome e a honra do sujeito ladrão dos amores da gente. Este gozo durou pouco mais de meio ano, porém. Numa segunda, tarde da noite, o

ofendido em honra chamou a mulher dele na porta da sala e eu, saí pela da cozinha... Escapei por milagre e mira ruim, do tiro de garrucha que me relampejou na cara e a passou a centímetros de minha orelha esquerda que me deixou surdo por dias e mais dias e, meio mouco, até hoje.

Daí que estou até hoje, 30 anos depois e mais umas tantas quaresmas, correndo do roncolho, feito o diabo, da cruz. E o mandi, ao que me consta, contam e passam recibo, está sem pressa nenhuma de dar seus ossos. Tempo passa... Passa tempo. E o tempo é hoje, do agorinha mesmo. Soube deles por novidadeiro de minha terra. Diz que a moça tomou tanto gosto pela safadaria que nunca mais largou do ofício de enfeitar a testa do chiador e que o marido ainda não trabalhou na mira lá dele, já errou mais de dúzia e meia de tiros nos amantes de sua senhora. Se é roncolho, só Deus, os médicos e a mulher é quem podem dizer. Mas, ao que tudo indica, a mulher é manina, pois nunca tiveram um filho. Nem dele e nem doutros. Estão felizes e em paz!

GABRIEL COSTA ABREU DANTAS

Fortaleza – CE

Gabriel Dantas é advogado, tendo se graduado na Universidade Federal do Ceará. Ali, foi Diretor de Comunicação do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua - CACB; foi ainda, por quatro anos, editor-chefe do jornal A Balança, a publicação mensal da Faculdade de Direito. Também estudou Direito Internacional, Filosofia e Teologia na King's College London, da Universidade de Londres. Escreve poemas e contos na rede da varanda de sua casa de praia, tendo apenas a vista do mar e a brisa como companhia.

Título premiado: O turco

Conheça mais obras do autor: gabrielcdantas@gmail.com

O TURCO

O café está lotado, como sempre. Nessa época do ano Paris fica infestada de turistas de todo o mundo, principalmente americanos, terrivelmente gordos e mal educados, todos em busca de fotografias e da experiência de comer caramujos – o mais exótico prazer a que se permite a maioria dessa gente. Confesso não saber por que eu continuo indo a este lugar: o café é ruim e é tudo muito barulhento. Mas de alguma forma as cadeiras na calçada, estas cadeiras nesta calçada, agradavam-me e eu me vejo sempre retornando. É tudo muito ordinário e isso me ajuda a pensar, a compor. Eu componho baladas de segunda linha, dessas que os clientes dos cabarés de Montmartre gostam de ouvir. Não é uma grande arte, mas paga as contas.

Passando do terceiro café para o primeiro conhaque, como faço todos os dias, noto que estou sendo olhado por um senhor de aparência bastante peculiar sentado na calçada do outro lado do bulevar. Parece turco, ou assim

achei porque usa um turbante, mas é imberbe, usando apenas um fino bigode à moda dos soldados franceses. Olha-me ao mesmo tempo com atenção e displicência, como se estivesse concentrado nalgo diretamente atrás de mim. Com desconforto mudo de posição na cadeira, fingindo fugir do sol, para descobrir se esse é o caso. Não é: o olhar do turco permanece fixo em mim. Sim, agora estou convencido que o senhor é turco, porque tem um distinto ar de quem fuma narguilé. Eu não conheço outros povos que fumem narguilé, portanto ele certamente é turco.

Parece ser um homem de certas posses, o que torna a sua situação paradoxal. Suas roupas são limpas e de seda, e apesar de não usar joias como os ricos turcos costumam fazer e de seu bigode estar mal arrumado, ele se veste como quem é bem tratado pela vida. Agora me ponho em dúvida: a seda que o senhor usa é no estilo do Marrocos; será ele marroquino? Mas acho que os marroquinos fumam cachimbo e este senhor certamente fuma narguilé, então não pode mesmo ser do Marrocos. É um homem do império otomano sem sombra de dúvidas.

Será um espião? A França não foi boa para o império otomano na Guerra, e a situação do sultão, diz-se pelos bares, não é boa. Sem sustentação popular ou algo do

tipo. Ter um homem avaliando os humores do governo em Paris, portanto, seria importante para o sultanato caso houvesse revolta. Entretanto, fosse um espião, por que haveria de se interessar por mim? Eu não faço nada além de compor música de segunda linha – não por opção, digo, mas não tive capacidade para entrar na medicina e minha família é de músicos, então... Fui com a corrente, como geralmente faço. De todo modo, eu não seria de qualquer interesse para um espião turco estudando os movimentos franceses diante de uma possível revolta contra o sultão otomano. Nem francês eu sou.

Será, então, alguém interessado em comprar uma música? Se esse for o caso, excelente, estes conhaques, agora o terceiro, não são tão baratos. Sinto falta de quando a bebida na França era barata, podia-se beber garrafas inteiras com poucos francos; é muito frustrante que a Guerra tenha atrapalhado o negócio da bebida. Mas fosse isso, por que estaria ele sentado daquele jeito, na calçada? O esperado seria que viesse até mim. Talvez fosse tímido, mas não me parece que seja pela forma como me encara; muito rude, por sinal. Somente um turco para encarar outro homem dessa maneira...

É possível que queira me contar algo e não saiba ao certo como. Acho que tenho um primo na Síria, o que faria deles vizinhos, não é? Provavelmente amigos. Terá algo acontecido a ele? Nunca fomos próximos, mas ficaria muito triste se algo sério tiver acontecido; certamente comporei algo em sua lembrança. As coisas por lá nunca estão muito bem, eu acho, talvez tenha morrido enquanto passava pela Turquia e o seu amigo veio me contar o seu último desejo. Ou me entregar alguma herança, talvez? Não, meu primo não teria me deixado nada. Na verdade, ele não era uma pessoa muito boa para mim quando éramos crianças e soube que foi para o Oriente para viver de contrabando. Não, acho que não sinto qualquer remorso pela sua morte. E pode esquecer a música em sua homenagem!

Ainda assim, a morte de meu primo teve o efeito de deixar-me preocupado com minha própria segurança. Este senhor turco tem todas as qualidades para ser um assassino enviado para me eliminar. É sabido que os turcos andam com adagas e a deste senhor, como é de posses, certamente é de qualidade; cortar minha garganta não exigirá qualquer esforço. Mas eu não sei de nada, não faço nada além de música ruim, quem quereria me matar? É verdade que não pago o aluguel há alguns meses, certamente o meu senhorio

descobriu que gasto dinheiro com conhaque e charutos e quer me usar como exemplo para todos do prédio. Preciso chamar a polícia, não faz sentido ser morto por alugueis não pagos. E o apartamento certamente não vale o preço que o meu senhorio pede. É o que dá lidar com chineses: eles sempre querem se aproveitar de você.

Sabendo que este homem já havia matado meu primo e estava prestes a me matar, entro em desespero. Abraço o garçom mais próximo, um jovem cuja força pode me ajudar, e peço pela minha vida, peço que chame a polícia pois o homem que me matará está próximo. O rapaz, atônito, pediu que apontasse este canalha. Viro-me e lá estão os olhos terríveis do assassino turco virados para mim, um sorriso em seus lábios como se dissesse que qualquer ajuda era fútil, que a sua adaga logo cortaria minha garganta.

Quando o rapaz percebeu através da multidão o meu arquiinimigo, o meu fim, respondeu-me que não tolerava atitudes deste tipo, que eu me retirasse do estabelecimento e jamais retornasse. Ele também percebeu que não havia escapatória e não quer que a fatalidade ocorra em seu estabelecimento. É compreensível. Saio desolado, já conformado com o que está prestes a acontecer. Sou tão

jovem, mas meu primo também era e isso não impediu a adaga deste crápula.

Decidi morrer como o britânico que sou: com dignidade. Não somos nós o maior império do mundo? Não vencemos aqueles mesmos turcos malditos na guerra? Ajeito meus cabelos ainda loiros e caminho diretamente para o turco, para o meu batalhão de fuzilamento, pronto para o meu final. A cortina sempre cai um dia, meu espetáculo havia chegado ao fim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, avisá-la do risco de vida que ela também corre, uma senhora passa por mim e deixa uma sacola no colo do assassino. Uma cúmplice?

– Trouxe mais mantimentos para você. Está gostando da seda que lhe dei? – disse a agora claramente parceira do monstro.

– Muito obrigado, madame, as roupas são perfeitas. Sinto-me o próprio califa! Pena que com esses olhos não voltarei a ver o Egito...

– Os médicos não tiveram sucesso?

– Não. Lutei pela França na maldita Legião Estrangeira apenas para acabar inválido e vivendo de favores. Perdoe-me pela amargura, agradeço por tudo que me faz. Quem

mais, na primavera de Paris, notaria um egípcio cego
sentado na calçada?

GENISSON ANGELO GUIMARÃES

São Paulo – SP

Premiado no concurso de contos promovido pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, com o conto “Vicente”, publicado em coletânea, no ano de 2013; Livro “Cuentos y Encuentros – entre la esencia y la realidade”, publicado na Espanha no ano de 2014, editora punto rojo libros; Livro “Contos e Encontros – entre a essência e a realidade”, publicado no Brasil e em Portugal no ano de 2015, editora chiado; Premiado pelo conto ‘A idade do amor’, promovido e publicado pela editora Andross no ano de 2016.

Título premiado: No tempo certo

Conheça mais obras do autor:

genisson.nutrologia@uol.com.br

NO TEMPO CERTO

Acelerou o passo sem olhar para trás e atravessou correndo a faixa de pedestres. Não que tivesse medo de um atropelamento, mas queria afastar-se cada vez mais da casa onde residia com o marido há quinze anos. O sol sangrava no alto, acolhido pelo azul forte do céu, sem uma mísera nuvem para contar história.

O diabo todo aconteceu de uma hora para outra. Ou será que foi acontecendo aos poucos, dia após dia, ao longo dos anos? Não tinha certeza, mas sabia que era o momento. E para não desistir, engendrou em sua mente um recurso fantasioso, que se mostrou infalível: pensou em seus dias de casada, todos eles, como imensos blocos de gelo, que derretiam toda vez que dava boa noite ao marido e dormia; ao acordar, o dia anterior já havia derretido, e a água subindo, subindo, encharcava seus pés, suas pernas... até chegar ao pescoço, prestes a afogá-la. Não havia jeito! Precisava se salvar, viver.

Toda alvoraçada, caminhou apressadamente pelas ruas sem um plano verdadeiro. Num misto de sentimentos, euforia e medo, resolveu parar. Hidratação e um pouco de oxigênio... Entrou em uma padaria, pediu uma água sem gás e uma fatia do seu bolo favorito, que há muito não comia. Saboreou cada pedaço como se fosse sua liberdade sendo restituída em deliciosas porções de açúcar e chocolate. Entre um bocado e outro, os lábios entreabertos denunciavam um desejo contido de gritar, de expandir-se em si mesma, tamanho era o prazer do momento. Não queria pensar, apenas viver. Quando deu por si, um homem sozinho na mesa ao lado a olhava de soslaio. Enrubescou. Não estava preparada para aquilo. Pegou a bolsa, pagou a conta e seguiu seu rumo, incerto.

Mais cedo, tomara banho, vestira uma roupa confortável – própria para fugas –, e pegara a soma que havia guardado. Os criados nem perceberam que a patroa deixara a casa. Estava cansada. Cansada de conviver com pessoas de rótulos. Queria conteúdo. Cansada das intermináveis festas da alta sociedade e das conversas do marido e seus amigos. Cansada das amigas. A vida repetia-se em um roteiro insosso e em preto e branco, enfadonho.

O sol ardia-lhe na testa, as ideias revolteavam dentro dela. O que faria, agora que tentava agarrar a liberdade com as duas mãos, fugidia, como um sabonete escorregadio? Precisava se acalmar, engendrar um plano. O que se faz quando se quer deixar para trás o peso de quinze anos? Beliscou-se, certificando-se de que estava viva e de que tudo era real. Sim, estava nas ruas. O mundo realmente existia, como as pedras também existiam, fora das paredes da mansão e dos olhares inquisidores dos empregados. Empregados... Foram tantos, em tantos anos. Todos contaminados pela frieza do marido. Exceto... D. Nice! Lembrava-se de onde ela morava!

Agora já tinha um plano. Poderia acalmar-se e embeber-se das águas fluidas da liberdade. Por certo D. Nice a ajudaria. Perguntou para um, para outro, sacolejou no ônibus duro e de ar abafado e chegou à estradinha de terra que a conduziu à D. Nice.

– Minha filha, você é inocente por demais. Volte para casa. O mundo é perigoso para uma moça com essa boniteza e tão bobinha. Fez-se de serenada para a velha, ergueu a cabeça e tomou o caminho de volta até o ponto de ônibus.

Apesar da dificuldade, sentia algo novo e incrível crescendo dentro de si. A certeza que batia em seu peito a

impedia de olhar para trás. Tudo bem que a mansão era deliciosa. A piscina, a sauna, os lençóis macios, a cama quentinha... O café da manhã suntuoso, os empregados sempre a postos.... É, o marido era um homem gelado, mas ela não podia negar que ele lhe oferecia tudo do bom e do melhor. Bobeira! Não era isso o que queria. Queria ser preenchida, ser tocada... pela existência, por um amor quente e vivo. Queria ser a personagem daquele filme que a fez chorar duas horas seguidas, quando a moça deixou o marido e o luxo para trás em busca de um novo amor. Pensando bem, foi ali que a coisa toda se avolumou e ameaçou deixar sua mente para tornar-se esse real de agora. Mas no filme havia a música, e as pessoas eram bonitas. Não havia o ônibus lotado e pessoas estranhas olhando-a como se fora algum bicho exótico.

Decidiu ir a um shopping. Um lugar familiar lhe refrescaria as ideias, iria ajudá-la a decidir o que fazer, que rumo tomar. Caminhando na esterilidade do lugar, lembrou-se do dia em que conhecera o marido, mais velho, promessa de fuga e de sonhos. Deixou a cidadezinha no Nordeste já casada e com uma vida de luxo à sua espera. Maria, nome herdado da avó, dentre tantas Marias, nascera com uma maldição. Beleza demais. O futuro marido, milionário, com

o dobro da idade e recém- viúvo, encantou-se com a moça e a levou para São Paulo.

No início, tudo era resplandecente e luminoso. O cenário de pobreza e secura dera lugar a uma alvura estéril e límpida. Mas a beleza é um ornamento e em pouco tempo os olhos e as mãos do marido acomodaram-se à luz e à maciez da tez de Maria, e a moça foi sendo cada dia mais deixada de lado. A infelicidade foi crescendo, crescendo, como a fome que Maria conhecera na infância.

Caminhava observando as vitrines que outrora a deslumbraram, agora insípidas. Murmurava, atoleimada, sons incompreensíveis, como se buscando uma resposta, um caminho a seguir. Dentro de si a densidade da vida lhe oprimia. O mundo era o mesmo, o shopping era o mesmo, as vendedoras que tanto a mimavam eram as mesmas. Mas antes suas mãos estavam fechadas, tudo era seguro e superficial. Ao abrir as mãos, a existência estendeu-se a seus pés, volumosa, imponente e por isso mesmo assustadora.

Saía da casa dos pais direto para a casa do marido. Jamais colocara os pés na calçada do mundo. E agora que não sentia seus pés tocando superfície alguma, como se estivesse caindo e caindo e caindo, a coragem e o ímpeto da

manhã se desvaneciam, como o dia, que lá fora cedia lugar ao anoitecer.

Deixou o shopping, e a escuridão a engoliu. Os faróis dos carros ziguezagueavam em seu olhar curto e indivisível, de pouco alcance. Os ruídos das ruas chocavam-se violentamente em suas frágeis paredes de vidro e deslizavam vagarosos, encarando-a friamente nos olhos. As pessoas, azafamadas e falantes, pareciam donas de uma felicidade irrepresável e agitada.

O cenário, como um quadro desenhado com canivete, arremessou-a na solidão da nova vida, na individualidade fundamental do seu despertar. Confrangida e em pânico, só houve tempo para um último estrondo em seu íntimo. O vidro se rompeu, sua carne foi exposta e fez-se o vazio de seus pensamentos. Neste instante, a ideia de fugir do marido pareceu-lhe a coisa mais estúpida e insignificante do mundo. Reunindo as energias restantes, percebeu a aproximação de um carro.

A decisão foi instintiva, irracional. Já era definitiva, como o instante fugidio que é e que deixa de ser no momento em que tentamos apreendê-lo. Com a nova certeza, logo seus pés sentiram novamente a superfície sólida e segura do asfalto. O farol do carro aproximava-se, tornando-se mais e

mais reluzente, cegando-a ainda mais. Projetou seu corpo para frente, com o olhar mole, o corpo pendente, quase caindo. A respiração tornara-se ruidosa, abafando o som ao redor. Estava mergulhada em uma catarse intransponível. Maria era, naquele momento, mais sombra que existência, imersa em um estado de despersonalização existencial como nunca experimentara na vida.

Agiu. Deu dois passos adiante, rápidos, com o ímpeto de quem toma uma decisão irrevogável. E o táxi parou. Ela entrou e passou o endereço.

O marido já estava em casa. “Onde você estava? No shopping?” “Sim. No shopping. Onde mais?” Não mentia. Talvez outro dia.

GUSTAVO FONTES RODRIGUES

São Paulo – SP

Gustavo Fontes Rodrigues, ou Gustavo Kosha, é publicitário e blogueiro. É colaborador de diversos sites sobre cotidiano e literatura, como o “Jornalismo” (www.jornalismo.com.br). Formado pela renomada Oficina de Escrita Criativa, de Luis Antônio de Assis Brasil, e pela Oficina O B_arco, de Marcelino Freire, participa desde 2010 de concursos literários e já recebeu vários prêmios e menções honrosas no Brasil e no exterior.

Título premiado: Bisavó

Conheça mais obras do autor: kosha1977@hotmail.com

BISAVÓ

São vagas as minhas lembranças daquele quarto, mas uma em particular é intensa e vive até hoje dentro de mim. Por mais estranho que seja, lembro-me do breu. Da escuridão. Estava sempre com a luz apagada e a janela fechada. Eu conseguia chegar até a porta e só. Parava ali. Não conseguia avançar.

Aquele quarto era um território proibido. Não que houvesse restrição para entrar, a porta, diga-se, estava sempre aberta. O meu pai sempre me incentivava a dar um passo a mais e romper com aquela linha imaginária que eu traçara. Mas não insistia. No fundo, sabia que eu queria, mas não conseguia. Era eu mesma que não me permitia passar daquele limite.

Até onde costumava chegar, conseguia ver muito precariamente o final da cama, à minha direita, e o grande armário embutido, à minha esquerda. O cheiro era característico. Não sei de que, nunca mais senti aquele cheiro. Cheiro de dor. De sofrimento.

Meu pai ficava por poucos minutos lá dentro. Hoje tenho a certeza de que ele também não se sentia bem ali. Mas era certo que, quando chegávamos à casa da minha avó e na hora de ir embora, o meu pai sempre ia até o quarto. Eu também. Mas só até a porta. Sempre.

Ouvia dizer que ela estava melhorando. Que ela comia bem e mostrava uma evolução "surpreendente" para a sua idade. Eu não entendia muito bem o que isso queria dizer. Como alguém, em um quarto escuro, poderia estar melhor? Mas ela estava. Minha avó garantia ao meu pai.

Minha bisavó era bem velha. Magra. O rosto cansado era formado por camadas de pele que pareciam derreter umas sobre as outras. Em sua boca faltavam alguns dentes, e a visão estava prejudicada pelo glaucoma. Tudo isso fazia com que eu a evitasse. Não queria que fosse assim, mas, aos três anos de idade, você segue os seus instintos, sem se importar com quem não goste ou se magoe com eles.

Certa vez, já com seis anos, resolvi enfrentar o quarto. A escuridão. Me preparei para travar a minha maior batalha. Era hora de vencer as minhas paúras.

Ao meu limite, cheguei facilmente. À porta do quarto. Era como a beira de um precipício. Cabia a mim

continuar ou não. Pular de cabeça na escuridão ou desistir e voltar para o conhecido.

Ainda ouvia a conversa vinda da sala, atravessando os corredores. Foi a primeira vez que senti o meu coração acelerar. Fechava e abria os meus olhos tentando me acostumar à ausência de luz. Agora só dependia de mim, e eu havia decidido que a hora tinha chegado.

Coloquei o pé esquerdo dentro do quarto. Devagar, por esse movimento, meu corpo e, principalmente, minha cabeça, foram também vencendo o meu antigo limite. O silêncio agora era mais um obstáculo a ser vencido.

Me sentia como um explorador, desvendando um mistério envolvente. Era um novo mundo. Diferente. Sombrio. Um lugar tão ameaçador aos poucos ia sendo desbravado por mim. O medo ia sucumbindo. O orgulho era combustível para continuar.

Segui o pequeno corredor, formado pelo armário embutido, à esquerda, e a cama, à direita. Ao olhar para a cama, logo me deparei com o seu rosto. Ela estava deitada e a sua cabeça ficava virada para a porta. Inconscientemente eu sabia disso, e já estava preparada para me deparar com o seu rosto que eu tanto temia. Dei apenas dois passos, parei e mirei o seu corpo. Coberto por um fino lençol velho. A boca

semiaberta buscava sorver a vida de onde ela pudesse ser sorvida. Seus olhos estavam fechados. Graças à claridade vinda do corredor, eu podia ver, com um pouco mais de detalhes, o corpo e o rosto dela. Os meus olhos se acostumavam à falta de luz.

Voltei a caminhar, adentrando ainda mais o quarto, apoiada à cama. Logo encontrei a sua mão sobre o colchão. Parei novamente. Por alguns segundos olhei para aquela mão. Frágil. Quanto tempo? Há quanto tempo?

Cheguei a minha mão mais perto da dela. Até que encostei os meus dedos delicados na fina pele que revestia os dedos dela. Ela não se mexia. Eu voltei a olhar para o seu rosto. Ela continuava dormindo. Ou pelo menos eu achava isso.

Quando eu menos esperava, os seus dedos se entrelaçaram aos meus. Eu levei um susto, e desse susto eu me recordo até hoje. Congelei, olhando para as nossas mãos. Ela apertava sem muita força os meus dedos. Eu fechei os olhos e não consegui pensar em nada. Puxei a minha mão para longe da dela. Me afastei do colchão, encostei no armário e olhei para a luz, vinda da porta sempre aberta.

Corri para fora do quarto. Voltei à luz. À claridade. À vida. Ao mundo que eu vivia e que não pertencia mais a ela. Meu coração ainda batia forte. Foi a experiência mais marcante da minha infância. Quase trinta anos atrás. A última vez que a vi se mover. Que senti o seu toque. Que ela falou comigo, me disse tudo o que eu queria saber e me fez entender a sua situação. Tudo isso, sem dizer nenhuma palavra.

Talvez esse toque tenha sido a forma mais digna e carinhosa que ela encontrou para me dizer adeus.

JOÃO ALBERTO ROQUE

Gafanha da Nazaré – Portugal

Nasceu em 1962, na Gafanha da Nazaré, Portugal. Professor. Autor de Pirilampo e os deveres da escola, Inovação à Leitura, Braga, 2007 – Prémio Matilde Rosa Araújo, Trofa. Integra coletâneas, em Portugal e no Brasil, como O primeiro passo na Lua, in Com palavras nascem histórias 6, Freguesia de Santa Maria Maior, Funchal, 2009, O rio corria calmo – Uma história de violência, in 39 Poemas & Contos contra o Racismo, Alto Comissariado para as Migrações, Lisboa, 2014.

Título premiado: Apeteces-me tanto

Conheça mais obras do autor:

www.infantilidades.wordpress.com

APETECES-ME TANTO

Apeteces-me tanto, mas não estás ao meu alcance.

Ris-te para mim, de longe. Sabes a desafio, talvez gozo...

Anseio pelo momento em que te terei na minha mão, em que sentirei a tua pele fresca, suave, macia... em que te mordiscarei com cuidado, com a língua a aproveitar cada gota que teime em escapar.

Dizia o meu pai que a necessidade aguça o engenho e é bem verdade... eu já tentei de tantas maneiras, umas verdadeiramente engenhosas e outras mais corriqueiras... Não consegui ainda, mas continuo determinado. E cada dia estás, a meus olhos, mais apetecível...

Nestas alturas é que eu sinto mais a falta do meu pai. Com a ajuda dele já teria conseguido, não tenho a mínima dúvida.

Sim, gozas comigo porque eu sou pequeno...

Desde que o meu pai partiu, sou o homem da casa, como diz a minha mãe, mas isso não me consola. Tantas vezes sinto a falta dele. Sei que está lá longe a olhar por

nós, mas gostava mais de o ter aqui connosco, mesmo que faltassem outras coisas.

Os dias iam passando e acumulava insucessos: Já subira à árvore, mas os ramos eram demasiados finos naquele lugar e mesmo o meu peso de arvéola, como diz a minha mãe, fazia vergá-los e lá se frustrava mais uma tentativa, bastante arriscada. Já tentara atingi-lo com pedras e quem acabou por levar com uma na cabeça fui eu (felizmente era das mais pequenas). Já tentara atingi-la com a bola de futebol, mas os outros ramos não a deixavam chegar lá. Já usara uma vara, mas ainda assim não lhe chegava (só serviu mesmo para recuperar a bola que ficou presa nos ramos). Outra vara maior que encontrara era demasiado pesada para a conseguir erguer.

A árvore este ano deu pouquíssimos alperces, mas, talvez por isso, eram maiores... Os primeiros comi-os mal começaram a ganhar cor. Ainda sabiam a verdes, bastante ácidos, e convenceram-me de que seria melhor esperar. Esperei... dois já estavam quase maduros e tive o gosto de os saborear e desejar mais... e melhor. Outro apodreceu na árvore, ainda nem estava maduro. Um, ali bem ao alcance da mão, deixei-o propositadamente amadurecer bem. Acompanhei a sua maturação com todos os sentidos: ia

apreciando a sua cor, cada vez menos verde e mais amarela com matizes de vermelho, as cores do desejo; a sua textura cada dia mais macia sob os meus dedos ansiosos, cada dia mais perfumado, despertando apetites. Quanto ao gosto... ficava pela imaginação.

Estava quase no ponto... pensava com os meus botões: «Ficas para amanhã, quando chegar a casa.» Era um esforço incrível, este de ir adiando o prazer de lhe ferrar o dente, mas também sabia que assim me saberia muito melhor.

No dia seguinte, as aulas nunca mais acabavam. Os cabelos da colega à minha frente lembravam-me o alperce. Desde há alguns dias tinha-se estabelecido aquela ligação... ela era o meu alperce, o objeto do meu desejo. Dei por mim a pensar «Apeteces-me!».

Quando as aulas acabaram corri para casa, apenas para ter um grande desgosto: a frustração de encontrá-lo comido por algum pássaro até ficar só pele e caroço. Quando o vi naquele estado, fiquei com uma raiva enorme de não me ter antecipado, mas era tarde para pensar nisso.

Restava aquele... e lá continuava ele na extremidade de um dos ramos mais altos, com uma cor cada vez mais desejável. Agora já não se ria para mim... já se ria de mim.

E a sua cor que prometia delícias... refletia-se no meu sorriso... amarelo.

Contei ao meu pai as minhas tentativas frustradas. Sei que ficou triste por não poder ajudar. Disse-me que lá, no sítio onde está, não há árvores que deem alperces apetitosos como os nossos.

No dia seguinte, quando cheguei da escola, fiquei aliviado por ver que ainda lá estava. Temia encontrá-lo esborrachado na areia, já que parecia estar mesmo madurinho, ou comido pelos pássaros.

Fiquei um bocado a olhar para ele, imaginando que eu próprio ganhava asas e voava até lá cima para colhê-lo com cuidado.

Mas o meu maior receio estava prestes a concretizar-se... à vista dos meus olhos. Um passarão negro voou até ao ramo fino e aproximou-se gulosamente do meu alperce. Gritei com ele, barafustei, e ele voou dali, mas por pouco tempo. Depois já não se deixava assustar com os meus protestos. Agarrei numa pedra e atirei-a, mas sem grande pontaria. O bicho nem se assustou. Estava protegido pelos restantes ramos. Foi com uma grande raiva que assisti à primeira bicada.

Era algo que me deixava de rastos, estar a ser testemunha daquela situação para lá de desagradável. Decidi que era preferível não ficar para ali a assistir a algo tão penoso. Ia virar costas quando ouvi um barulho ligeiro e olhei para cima mesmo a tempo de abrir as mãos para acolher o alperce que se desprendera e caía rumo ao chão. Nem as feridas, uma resultante do encontro com um ramo durante a queda e outra da bicada do melro, retiraram qualquer valor àquele alperce. Nunca qualquer outro fora tão desejado.

Olhei, vitorioso, o passarão que voava em retirada... e depois só tive olhos, mãos, nariz, dentes e língua para desfrutar daquele momento há tanto aguardado. Era enorme e estava mesmo no ponto... um prazer indescritível, que todas as dificuldades tornavam ainda mais intenso.

Logo mais vou contar ao meu pai. Vou também dizer-lhe que gostávamos de o ter conosco, mesmo que passássemos por algumas dificuldades. Fazê-lo perceber a falta que sentimos dele. Recordar-lhe que há prazeres que o dinheiro não compra.

JOÃO PAULO LOPES DE MEIRA HERGESEL

Alumínio – SP

Nascido em 25 de julho de 1992, João Paulo Hergesel é um escritor brasileiro residente em Alumínio (SP). É doutorando em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), mestre em Comunicação e Cultura e licenciado em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Dedicase à produção literária, com foco na literatura infantojuvenil. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, coleciona dezenas de prêmios literários, nacionais e internacionais.

Título premiado: Espinafres em fá bemol

Conheça mais obras do autor: jp_hergesel@hotmail.com

ESPINAFRES EM FÁ BEMOL

A tentativa de suicídio de uma aluna durante sua aula foi o tiro que Téó precisava para abandonar de vez a profissão de docente. Havia se graduado em Música para poder aperfeiçoar suas composições e técnicas vocais antes de se lançar no mercado fonográfico, e não para voltar à sala de aula e enlatar seu talento no Ensino Médio. Se ainda lecionava Arte, era justamente para sua conta poupança encontrar o tom certo e permitir que ele se mudasse à capital, a clave das oportunidades.

A experiência como educador, no entanto, não lhe trouxe apenas desafinações, mas também harmonias rítmicas. Uma dessas firulas foi o relacionamento com Silas, prestes a completar 18 anos e com o sonho de se dedicar às Artes Cênicas boicotado pelos pais advogados. O casal o forçava a cursar Direito, mas o rapaz era canhoto às instruções alheias e sentia vontade de seguir a melodia que lhe palpitava em fá bemol. E esse foi o assunto de um almoço escolar no fim do ano letivo.

– Você já é praticamente maior de idade. Espere algumas semanas e venha dividir o apê comigo!

O convite do professor era, ao mesmo tempo, suculento e amargo. Poderia aventurar-se no Teatro, mas antes deveria enfrentar a fúria parental. Precisaria de forças que o espinafre escondido entre os elásticos de queijo não seria capaz de lhe fornecer. Mas limpou os lábios, contornou a orquestra de sentimentos e disse tchau para os pais que não conseguiam compreender a intensidade do processo.

Tomou o ônibus na companhia de Dom Casmurro, que já havia gostado na leitura por obrigação e que finalmente leria – “Obrigado!”, disse ao cobrador após receber o troco – por gosto. Era curioso como o fato de Dona Glória ter forçado Bentinho a ir ao Seminário não o impediu de manter seu amor por Capitu. Talvez fosse uma amostra de que não seria preciso se ordenar um religioso do judiciário para ser feliz profissionalmente. Silas adormeceu antes do clímax da suposta traição e acordou no ponto final.

Não fazia ideia de como tinha ido parar na Barra Funda, mas sabia que bastava escolher o metrô certo e chegaria a seu destino. Olhou o mapa da estação: Linha Vermelha, Linha Azul, Linha Verde, Linha Lilás... Era tudo

muito colorido para uma cidade cinza como São Paulo. Pegou o smartphone para que o Google Maps o ajudasse a se encontrar, mas perdeu o aparelho para o assaltante que parecia ter saltado de um vagão imaginário e entrado em uma plataforma inexistente longe da vista dos seguranças.

Silas tocou a campainha do prédio três horas mais tarde, com fome nos ossos, frio na vesícula e centavos na carteira. Quase sem voz para anunciar sua chegada no interfone, agradeceu que havia um elevador para poupar a ginástica elíptica dos degraus e que Téo já estava com a porta aberta esperando por ele.

– O que aconteceu? Tentei ligar várias vezes, mas seu celular está desligado. Acabou a bateria?

Era evidente que Silas precisava de uma recarga antes de narrar os fatos, capítulo a capítulo, da sua jornada do herói. Foi ao banho para sair e se apresentar à Juliana ainda enrolado na toalha. Ficou envergonhado de exibir o tórax nu a uma morena tão bela. Mas ela estava muito mais preocupada com produção musical do que com abdomes juvenis; voltou a falar com Téo sobre a possível imersão dele na nova MPB.

Enquanto Silas se vestia, a pizza chegou. Juliana havia pedido de espinafre, em respeito à sua dieta

vegetariana. Na fúria da fome, Silas nem percebeu se as bordas estavam recheadas com catupiry ou cheddar – era tudo queijo mesmo, ora bolas. O trio passou algumas horas rindo e tomando vinho até – “nossa, como está tarde”, disse a moça – a produtora se despedir do velho amigo e desejar boas-vindas e boa sorte ao novo morador.

– Vocês namoram? – Silas perguntou.

– Ela deve namorar... Mas não sou eu o namorado.

– Vocês ficam bem juntos.

A fala de Silas tinha um alongamento de ciúmes: ele havia ido a São Paulo para dividir o apartamento com Téo, e não para dividir Téo com Juliana. Ou com Júlia, ou com Ana, ou com qualquer outra garota que pudesse se aproximar do seu ex-professor, atual melhor amigo e companheiro de morada. Mas estava com a cabeça cheia, havia passado por emoções demais para um primeiro dia na cidade grande, necessitava de saciar o sono melódico.

Dormiu tão pesado que nem conseguiu aprisionar o sonho que lhe fantasiou até as 7 da manhã. Ainda estava abalado com a mudança de casa, mudança de hábitos, mudança de vida. Dava vontade de chorar e correr para os braços do pai, para o colo da mãe, para aquele alheio desejo constituído do estudo minucioso da Constituição. Precisava

de um novo banho: banhos sempre ajustavam os esquetes desalinhados de sua opereta amadora.

A água morna pouco embaçava o boxe de vidro e permitia que Silas se admirasse no espelho sobre a pia enquanto ensaboava as axilas. Permitia que Silas observasse as gotas se aglomerarem em seu corpo e escorrerem pela pele. Permitia... Téo abriu a porta. Não sabia que o banheiro estava ocupado. Os dois ficaram paralisados por alguns milésimos de segundo, mas – “dane-se, agora nós somos amigos”.

Téo dirigiu-se ao vaso enquanto Silas, ainda desconcertado, passava o xampu. Enquanto urinava, Téo descontraiu:

– Bundinha bonita, hein?!

Menos encabulado, Silas arriscou um sorriso, que foi replicado por Téo e logo se tornou riso conjunto, uma cantoria folclórica improvisada, o contrato de cumplicidade firmado por ambas as partes. O choro contido se dissolveu e fugiu com o vapor pela fresta nunca fechada do basculante. Mas a sensação de angústia retornava após cada encontro da oficina de teatro musical à qual passou a frequentar.

“Falta verdade, falta emoção, falta ritmo, falta”... Os abstratos eram infinitos e vitalidade com que o diretor de

cena dizia isso escancarava as feridas no ego. No entanto, os fins de tarde, aos pés da cama de Téo, massageavam cada uma dessas chagas. Eram risos íntimos e confissões sinceras que se entrelaçavam na atmosfera que circundava os dois meninos. Até que Juliana chegasse com gargalhadas escancaradas e novidades para compartilhar.

A atenção de Téo ficava hipnotizada nela: nos lábios de maçã, nos seios de tâmaras, nas curvas bem delineadas do quadril. Era como se essas curvas fossem joias trabalhadas por um artista; se os seios fossem crias gêmeas de uma gazela; se dos lábios escorresse o vinho que Téo ansiava tanto beber. Juliana era a Sulamita dos cânticos do rei Salomão. E Silas podia penetrar nos pensamentos da moça e lê-los, saber que ela desejava a mão esquerda de Téo debaixo da cabeça e a mão direita abraçando-a, enquanto os corpos se juntavam num beijo meloso.

– Tá tudo bem, Silas? – perguntou a voz feminina do trio. – Você parece meio pálido.

– Eu preciso arrumar minhas malas.

As palavras saíram antes que a lágrima gelada pudesse transformar a cena em um melodrama clássico. Mas o susto do companheiro foi inevitável: por que ele voltaria para a casa dos pais, pouco depois de um mês na

casa nova? Juliana ficou sozinha na sala enquanto Téo – “Eu só queria saber o que aconteceu” – se juntou ao amigo que esvaziava o guarda-roupa.

– Eu também, Téo. Eu também.

O beijo que Silas recebeu nos lábios não foi um impedimento para que ele fechasse o zíper e atravessasse a porta levando a bagagem pela alça. Não houve trilha musical nem efeitos de sonoplastia para a despedida. Dias depois, Téo encontrou o livro de Machado de Assis esquecido sobre o criado-mudo, mas àquela altura Silas já lia em outras linguagens.

JOÃO PABLO TRABICO DE OLIVEIRA

Salvador – BA

Natural de Salvador, é contista

Título premiado: Festa de fim de ano

Conheça mais obras do autor: pablotrabuco@hotmail.com

FESTA DE FIM DE ANO

Havia uma veia saltada em seu pescoço quando ele decidiu que não iria mais à festa de final de ano da firma. O corpo estava imerso na banheira e os olhos irritados devido ao calor do banheiro, embora aquilo não o incomodasse mais que o telefone tocando a cada cinco minutos. Estar sozinho era uma dádiva, pensou, permanecer sozinho é penoso. O vapor quente subia pelo seu rosto, enquanto os olhos se abriam e fechavam, abriam e fechavam, abriam e fechavam. Com um leve toque de dedos retirou uma gota de suor que escorria pela testa, sorriu com lascívia para si mesmo e pensou no seu corpo como um templo. Adorava a ideia de adorar a si mesmo, apesar das controvérsias e dos conselhos, apesar de ouvir com cautela sobre interferência externa e narcisismo, sobre lobotomia e hedonismo, sobre tudo o que lhe diziam por mero descaso social. Os outros dizem muito sobre tudo, mas ele se cala em resposta.

Ainda agora, durante o seu banho de redenção, estava em silêncio. O telefone novamente interrompeu o

seu estado de devoção pessoal e fez com que ele suspirasse profundamente. Atendeu com paciência.

- Caio, você não vem? – o barulho de música alta e gritaria o fez confirmar intimamente seu desejo de isolamento

- Não, amigo. Estou um pouco ocupado.

- É... a Cíntia me disse isso mais cedo. Você tinha mesmo que se ocupar hoje? É o momento ideal para pedir um aumento. E conseguir, quem sabe.

- Então sugiro que aproveite.

- Você está bem?

- Você sabe... Um homem tem sempre um cartão de visitas na carteira. Eu não tenho nada além de uma alma e um corpo. Estou trabalhando nos detalhes.

- É... – o colega pareceu constrangido – Tudo bem... Tchau.

Novamente o silêncio e os pesares da sociedade que lhe afligiam as costas. Nas noites de sono que perdera durante o ano nunca pensava em si mesmo, mas no trabalho e nas responsabilidades. Finalmente abdicara disso? Por certo que não, seria demasiado imprudente se o fizesse, mas, momentaneamente, ele decidiu buscar uma liberdade que lhe foi negada todos os dias até então. Porém não a encontrava.

Por duas vezes afogou o rosto na banheira e permaneceu imerso. O corpo às vezes lhe era inútil, afinal. Nada poderia ser feito sem que o seu corpo respondesse aos instintos da mente, ele sabia, bem como a sua alma era um artefato completamente novo a cada instante. Modificava-se como o vento. O peso de suas mãos não era capaz de afagar toda a dor do mundo, também sabia, mas ele a sentia e sangrava com o Universo e não havia mão que o acalentasse. Não havia corpo no mundo que suportasse aquilo a que ele era submetido. Doía-lhe tudo. E as mãos, tão pesadas, não eram capazes de carregar o peso do mundo. Isso lhe doía ainda mais.

Por duas vezes levantou o rosto da banheira ofegante. Na última, chorou como uma criança. Chorou, chorou e chorou. Pensou que suas lágrimas e soluços nunca findariam quando por fim o telefone tocou e todo o seu sentimento de compaixão com as coisas que existem se dissipou. Restava agora a raiva. A fúria de viver, existir, e permanecer imutável diante das alterações que ocorriam diariamente perante seus olhos. Olhos que abriam e fechavam, abriam e fechavam, abriam e fechavam.

- Caio, cadê você?

- Estou recluso.

- Onde você está? Você foi preso?

- Eu fui acorrentado pelo mundo dos homens e suas ideias de autodestruição. Reflito sobre isso. A minha primeira conclusão é que não há escapatória para a escravidão a que nos submetemos por vontade própria.

-Mas... Que diabos? – o colega riu – Você bebeu?

- Sim. O sulco do fruto.

- Olha, Caio – ele ria em aprovação – Tome um banho e vá para cama, tudo bem? Se não conseguir fazer isso, ligue para mim. Bom descanso, companheiro! E mais uma vez o silêncio.

E mais uma vez a sensação de desconforto pessoal, embora a consciência corporal o fizesse compreender que as suas costas estavam machucadas e os dedos começavam a enrugar devido ao tempo gasto debaixo d'água. Havia ainda a percepção de exaustão, consolidada pelo peso das mãos, pelos dedos que percorriam todo o corpo, mas não encontravam um ponto de prazer sequer. Não lidavam com a abstenção de outros membros, desconheciam seus irmãos organicistas, a administração de seus átomos e matérias foliculares, a penumbra formada pelos pelos do tórax. Dedos que, surpreendentemente, não sabiam que eram dedos.

Abaixou mais uma vez a cabeça, num ímpeto de coragem, bravo como os seus ancestrais selvagens, tomado pela força de todos eles. Abaixou a cabeça e prendeu a respiração, enquanto sentia os cabelos levados pela ondulação de seu movimento rápido na água. Permaneceu tempo suficiente para sentir o encontro da morte.

Levantou-se novamente arquejando. Levantou-se por inteiro dessa vez, corpo nu, sem lágrimas. Apenas a coragem de um homem em lassidão consigo mesmo e com o mundo que jamais o enxergava como um homem. Eu vivo de pequenas respirações, pensou, e a única coisa que sei fazer é respirar.

O rosto estava molhado pelo banho, mas ele sorriu e sentiu que a sua boca aberta era capaz de aparar a água. Então sorriu com mais vontade. A água continuava a escorrer, salgada, pelo seu rosto liso enquanto ele gargalhava. Subitamente, com todo o peso do mundo, levou as mãos aos olhos e viu que a água não era do banho, mas de suas lágrimas infinitas. Tocou os olhos com carinho mas os dedos pareciam pedras. Então chorou com mais força e riu em mesma intensidade até se dar conta que respirava e que os seus olhos se abriam e fechavam, abriam e fechavam, abriam e fechavam. Abriam... E fechavam.

LUCIANA FÁTIMA DA SILVA

São Paulo – SP

Mestre em Comunicação, especialista em Língua Portuguesa e Literatura, fotógrafa, professora e tradutora. É autora dos livros “Delírio, Poesia e Morte: a solidão de Álvares de Azevedo”, “Álvares de Azevedo: o poeta que não conheceu o amor foi noivo da morte” e “Extintas inscrições de sonhos mortos”. Em coautoria com Arlindo Gonçalves publicou o livro de fotografias e poemas “Carinhas (os) Urbanas (os)” e o diário “In Vino Férias: Diário de dois perdidos na Itália”.

Título premiado: A primazia da máscara misteriosa

Conheça mais obras da autora:

luciana.fatima.lfs@gmail.com

A PRIMAZIA DA MÁSCARA

MISTERIOSA

“Lá o vereis, como ele vos disse.”

(Marcos 16:7)

A luz do sol cintila na água, que suavemente ondula ao bater nas margens, balançando as gôndolas que ali repousam. Ela desvia o olhar da cena ao dar-se conta de onde está. As pessoas aglomeram-se na praça, dissimuladas por máscaras e roupas coloridas. Leva a mão ao sobrecenho, na tentativa de enxergar melhor com a sombra produzida pelos dedos semicurvados. Ouve o farfalhar de cetins e sedas. Vira-se e distingue um pequeno vulto correndo, desaparecendo entre centenas de pernas que desfilam aos pés da Basílica de São Marcos. É tomada por um desejo incontrolável de seguir aqueles cachos infantis esvoaçantes.

Ele corre, mas não rápido o suficiente de modo que ela o perca de vista, nem tão devagar a ponto de deixar-se alcançar. A máscara cobre a parte superior de seu rosto, mas é possível ver seus dentinhos redondos a cada vez que ele, sorrindo, volta-se para se certificar de que ela ainda está no seu encaixe.

Alguns grupos de pessoas atrapalham a passagem. É preciso cuidado com as vestimentas bufantes e com as delicadas máscaras que ostentam. Movem-se como em câmera lenta, mas ela encontra uma forma de esgueirar-se por entre as colunas do Palácio do Doge. E prossegue em sua animada perseguição. Quando ela se demora um pouco mais, ele para e a procura com olhos impacientes. Em seguida, volta a correr, passando por baixo de pernas másculas com meias brancas e sapatos de fivelas.

Ele desaparece por um momento.

O sol se foi e não há mais sinal dos foliões mascarados. O garoto não demonstra cansaço. Ela já não tem o mesmo fôlego. Antes de atravessar uma das inúmeras pontes sobre os canais, ela ergue a cabeça e lê a placa na parede: Ponte del Diavolo. As luzes das embarcações e da meia-lua solitária piscam, refletidas nas águas noturnas. Tap... tap... tap... O som das líquidas batidas no casco das

gôndolas ecoa os passos dele nas ermas vielas. E ela volta a correr. Ao decidir entrar no beco escuro, ela lê outra placa, Calle della Morte. Um arrepio sobe-lhe pela espinha. Tap... tap... tap... Ela não o vê, mas ainda o ouve.

Vira a esquina que dá para o Grande Canal. Lá está ele, na beirada, próximo às águas escuras. Ele leva a mão até o rosto. A máscara branca passa sem dificuldade pelos encaracolados cabelos negros. A peça agora jaz, displicente, a seus pés. Ele tem olhos lindos, escuros, brilhantes e tristes.

Foi a última coisa em que ela reparou. Por que eram tão familiares aqueles olhos?

Ele vira e precipita-se na tranquila superfície líquida.

Tap... tap... tap... Parecia ainda ouvir o ruído quando despertou, banhada em suor, na solidão de seu quarto. Que sonho mais real! Sentou-se na cama e enxugou o rosto no lençol. Podia ver aqueles olhinhos tristes e profundos em sua imaginação. Levantou-se e abriu as cortinas da janela que dava para a feia paisagem do subúrbio onde morava. Chovia, mas o dia não demoraria a nascer. Decidiu não voltar a dormir.

Abriu o chuveiro e deixou o prazer arrepiar sua pele. Ela sempre tivera especial relação com a água. Sentia-se viva cada vez que seu corpo era tocado pelo líquido. Talvez fosse essa a razão de sua depressão: a distância do mar. Não deveria ter abandonado o emprego, a casa, a vida no litoral. Mas como continuar vivendo lá depois de tudo? Lembrou-se do filho e não conseguiu segurar o choro. Deixou que as lágrimas caíssem e banhou-se no próprio pranto.

Teria um dia longo pela frente. Tantas coisas para resolver. Quanto antes começasse a organizar tudo, mais tempo teria para pensar no tal baile. Só podia ser esse o motivo de seu sonho! No começo, ela achara excêntrica a ideia da amiga em fazer um baile de máscaras. Agora já estava mais acostumada. Animada até! Sorriu ao pensar em como o cérebro humano é intrigante. Sobrepõe informações díspares, criando imagens extremas de dor e satisfação, utilizando o mesmo pano de fundo. O sorriso cedeu lugar a uma lágrima que não chegou a cair, ao lembrar-se do garoto correndo pelos becos venezianos.

A chuva diminuiria. Ela estava pronta para sair. Além de todos os compromissos agendados, precisava comprar uma máscara que combinasse com o novo vestido preto. Queria algo elegante, com brilho, talvez algumas penas,

mas que conservasse uma aura de mistério. Só não sabia se conseguiria encontrar uma tão bela quanto as que vira em seu sonho. Haveria máscaras como aquelas em sua cidade ou tudo não passara de uma criação de sua mente fantasiosa?

Caminhava pelas ruas usufruindo o belo final de tarde. Adorava o centro da cidade. O sol incidia nos modernos edifícios espelhados, criando efeitos curiosos ao iluminar as calçadas ainda molhadas. Ela gostava de reflexos. Começou a prestar atenção às imagens refletidas nas poças de água. Foi então que notou algo estranho em uma das superfícies.

A cena refletida na água não representava o prédio que havia atrás de si. A construção parecia maior e muito mais suntuosa. Virou-se para conferir a realidade e, ao olhar novamente para o reflexo, ele estava normal.

Que coisa mais estranha. Era só o que faltava, começar a delirar! Continuou a andar, porém, não via mais a bela tarde. Só conseguia olhar para os desníveis do calçamento que guardavam os restos da chuva. Às vezes, estavam normais; outras, refletiam edificações em estilos que não existiam na cidade, talvez nem mesmo no país.

Como isso era possível? Olhou mais uma vez e viu um movimento incomum na água.

Abaixou-se para examinar melhor. Parecia ver uma tela na qual desfilavam pessoas fantasiadas e mascaradas para o carnaval de Veneza. De repente, avistou o garotinho e ele fazia um gesto, convidando-a a segui-lo. Mas, agora, ele não estava tão sapeca. Seus olhos flutuavam em negras olheiras, os lábios estavam rachados e havia um brilho estranho em sua pele.

Não sabia o que fazer. Ela só podia estar louca. Ajoelhada no meio da rua, olhando para um buraco coberto de água turva. E, pior, tendo delírios com uma pessoa criada por sua imaginação! Ao tentar se levantar, perdeu o equilíbrio e apoiou a mão no chão. Sem que pudesse evitar, sua pele entrou em contato com o líquido parado ali. Imediatamente foi sugada por um turbilhão, como se uma enorme e inesperada onda a atingisse e a fizesse afundar em um mar bravio. Tinha medo de respirar e encher os pulmões de água, mas suas forças estavam no fim. Em meio ao desespero em que se debatia, perdeu os sentidos.

E fez-se a escuridão.

A luminosidade da lua cintila na água, que suavemente ondula ao bater nas margens, balançando as gôndolas que ali repousam. Tap... tap... tap... Vira-se na direção da Praça de São Marcos. Está completamente vazia. Ela ergue os olhos. O leão no alto da coluna está impassível, a mirar o horizonte. Tap... tap... tap... É o único ruído existente ali.

Ela pressente que deixou sua época para trás. Não sabe como ou por que, apenas sabe. Tudo ali exala um tempo antigo, mesmo em meio à obscuridade que a envolve. Questiona-se o que estaria fazendo ali. Atravessa a plataforma de madeira e fixa o olhar no líquido acariciando os negros cascos e vê uma forma indistinta emergir. O tecido ondula ao redor do corpo – agora muito próximo à margem. Ela abaixa-se e puxa-o para fora da água. Seus lábios azulados não sorriem. As pálpebras cerradas não exibem os grandes olhos tristes. Delicadamente, ela tira os cachos grudados em sua testa. Embala-o no seio como se fosse um bebê. Enquanto ensaia uma canção de ninar entre lágrimas, avista a mais negra das gôndolas – uma gôndola fúnebre – a deslizar na superfície tranquila.

Com um sinal de cabeça, o gondoleiro – envolto em um longo manto escuro – indica o local para que ela

deposite o garoto. Como se soubesse exatamente o que fazer, ela pisa firme o solo da embarcação e eles seguem, no mais absoluto silêncio, para a Ilha de São Miguel, a ilha cemitério, a ilha dos mortos. O anjinho dourado brilha na proa da embarcação abrindo caminho em meio as trevas.

Ao desembarcar, como que por encanto, tudo desaparece, e ela mergulha na mais profunda solidão. Aperta com afeto maternal o corpo junto ao coração e caminha resoluta, por entre cruzes e ciprestes. Apesar da dor que sente, ela sabe que precisa devolver o pequeno para o útero da terra para que ele possa germinar, para que possa renascer em outro tempo, em outro lugar.

LUÍSA MARIA FERREIRA PINTO DE LIMA

Santa Maria da Feira - Portugal

Começou a escrever fazendo poesias no ensino fundamental e distribuindo alguns versos para familiares. Ele é jornalista de formação e músicos de coração. Fez curso de criação literária pela AIC em 2013 e no mesmo ano aventurou-se na arte dos microcontos, entrando para Antologia de Microcontos de humor de Piracicaba. De lá para cá, marcou presença 3 anos consecutivos. Também faz parte da antologia "Fragmentos de Medo". Atualmente, Raoní mistura ficção com registros autobiográficos.

Título premiado: Estranha figura

Conheça mais obras da autora: lmfpdel@gmail.com

ESTRANHA FIGURA

A figura humana ia sentada num dos bancos do autocarro. Vista de costas, parecia uma jovem de cabelos negros compridos, muito ondulados.

Apercebi-me de que era uma pessoa fora do vulgar, devido à expressão interrogativa da senhora que acabara de entrar e que fixara o olhar nela, insistentemente.

Ela disse algo que não ouvi.

- Onde é que a senhora quer sair? – perguntou-lhe a senhora sentada atrás dela.

Continuei sem perceber a resposta.

De repente, a figura a quem tinham acabado de apelidar de senhora, ergueu-se e dirigiu-se ao condutor. Vi-a de perfil, de pé, e fiquei petrificada. Que rosto estranho seria aquele? As feições rudes, talvez disformes, a tez muito escura e os lábios, demasiado carnudos, faziam lembrar uma bruxa hostil, daquelas que só aparecem nos filmes de terror. Não pude observar bem o resto das feições, mas...

qualquer coisa, debaixo daquela enorme cabeleira, parecia denunciar atraso mental ou maldade transfigurada num ser medonho. Senti um arrepio.

A tal figura voltou a sentar-se com o corpo inclinado para a janela como quem tem que reconhecer muito bem o lugar onde pretende sair.

Não consegui deixar de pensar: “ E se é uma pessoa violenta? E se tem alguma reação agressiva aqui dentro?” Logo a seguir, a cabeça dela voltou-se para trás e sorriu para a senhora que lhe tinha dirigido a palavra. Meu Deus! Que desconcertante! Tinha um sorriso tão meigo e uns olhos que brilhavam como se ainda fosse uma menina, espontânea e inocente.

Que ser tão estranho! Eu via um rapaz cor da terra, com as narinas dilatadas, sobrancelhas à espanador e lábios grosseiros, mas com expressões de uma rapariga simpática, adolescente.

Todavia, o meu espanto não acabou aqui. Na paragem seguinte, o “rapaz – menina”, a quem chamaram senhora, apeou-se.

Não consegui afastar o olhar. Trazia um vestido simplório, tão franzido que lhe dava um ar de balão e um guarda-chuva enorme, muito colorido. Ele ou ela afastou-se

no passeio, num andar rápido e desengonçado, mas de cabeça erguida. Segurava o guarda-chuva pelo meio, como um homem austero, sem um pingo de delicadeza, e, abanava-o com tanta força, que os transeuntes se afastavam como se receassem levar uma catanada. Tinha a pressa de uma pessoa determinada a cumprir imediatamente um objetivo.

Fiquei consternada com os pensamentos que me afloraram na mente.

Que história de vida poderia ter aquela personagem para apresentar um sorriso tão puro num rosto aparentemente tão desfigurado, ou no mínimo, tão estranho?! Que causas recônditas comandavam aqueles gestos a roçar a perigosidade?! Seria um doente mental que fugira vestido de mulher?

Saí na paragem seguinte e dirigi-me ao hospital para visitar uma tia que padecia de cancro nos cuidados continuados.

O acaso colocou o “rapaz-menina” como visitante, na mesma enfermaria de minha tia. Debruçava-se carinhosamente sobre o doente que jazia na última cama junto à janela. Apesar da barba grisalha que lhe emoldurava grande parte do rosto, dava para perceber, mesmo a uma certa distância, que o senhor tinha os lábios

carnudos e as sobrancelhas muito espessas. Provavelmente era o pai do “rapaz-menina”. Os cabelos ondulados e a expressão ternurenta devem ter sido herdados da mãe.

O pai abriu os olhos num sorriso calmo e, as suas memórias esfumaram-se nas nuvens da minha imaginação, que ficara presa naquele quadro de amor.

Ele relembrou aquele dia longínquo, na Guiné, em que tanto ansiou o nascimento de um filho. Sim, tinha que ser um rapaz entroncado e valentão para tratar do gado e da lavoura. Não podia ser uma miúda franzina e choramingas. De que lhe serviria? Quando crescesse iria perder-se no mato, apaixonada por um mulatão.

Começava a impacientar-se: “nasce ou não nasce?” De repente, ecoaram dentro da palhota gritos que o vento dispersou sobre os colmos em prenúncio de desgraça. A vizinhança acorreu, mas não havia nada a fazer. Ao lado do cadáver ensanguentado da mulher, uma menina pequeninha, acabada de nascer, chorava, num pranto de desespero e abandono.

O pai embrulhou-a em panos coloridos e deitou-a na esteira ao lado da mãe. Nessa noite, vagueou pela povoação, parando em todas as tabernas. Quando regressou

à palhota, encharcado em álcool, olhou o céu negro e rogou pragas a todos os deuses.

A menina cresceu no meio da lama e dos pântanos. Tornou-se rija e juntou os seus músculos aos do pai na lavoura.

Agora o "rapaz- menina" beijou-lhe as mãos e reteve-as nas suas. O pai lembrou um outro dia em que a filha olhava a canoa encaçada nas águas límpidas e caiu, repentinamente, sem sentidos. Ele recorda a sua correria doida, sulcando atalhos para encurtar o caminho até à casa do enfermeiro andrajoso e imundo. Este nada pôde fazer, e a menina jamais iria acordar daquela morte inesperada. O pai entrou em desespero, quando, subitamente, a filha abre muito as narinas como se farejasse o mundo inteiro e começa a gritar: " O leão está ali na mata! Ele vem aí!" O susto foi tão grande, que até os pêlos das sobrancelhas se eriçaram para sempre.

À medida que o pai foi envelhecendo, ficava-se a observar a filha que rasgava o terreno com o mesmo vigor de um homem corpulento. A cada golpe da enxada, o pai exultava numa alegria silenciosa, repleta de gratidão.

Agora revia, num flash de luz, a época da seca em que bebia aguardente ao luar para enganar a fome, ou o

tempo em que as nuvens revoltas de chuva encharcavam os pântanos sem piedade, e toda a gente tomava banho nos charcos.

O moribundo esboçou um sorriso no seu último suspiro, prendendo nos seus olhos o brilho do olhar de quem lhe amainara os pesadelos, nos momentos em que via tudo ruir à sua volta.

“O rapaz-menina” não chorou. Afagou-lhe a barba rebelde, requeimada por longas cachimbadas preocupadas com o mundo. Dentro do seu peito ecoaram gritos de dor que ninguém ouviu, recalcados pela aflição de perder o pai. “O rapaz- menina” atravessara, recentemente, o céu e os mares na ânsia de lhe salvar a vida em Portugal.

Ele ainda tem o corpo quente, mas ficará frio e duro, dali a nada.

Uma tranquilidade infinita inundou a enfermaria, e eu deixei-me ficar numa calma triste e fria, a observar a última réstia de sol que espreitava pelas vidraças da janela, fazendo adormecer a minha tia.

SANDRA MARIA GODINHO GONÇALVES

Manaus – AM

É professora de Inglês e Mestre em Letras. Já participou de várias antologias e coletâneas de contos, apaixonando-se pelas palavras e pela literatura. Seu romance de estreia é “O Poder da Fé”.

Título premiado: A caçada

Conheça mais obras do autor: smgg396@hotmail.com

A CAÇADA

Tempo fechando. Sol sem rasgar nuvem, chuva branca arriando no céu. Diacho de inverno trazendo desgraça, dificultando peixe. Família minguando de bucho vazio, só na farinha com água. As águas invadindo as terras, os bichos fugindo pros igapós, os peixes sem morder anzol. Ariscos, homens e animais na terra disconforme. Mais um avanço do chuveiro, a mata se afoga nas águas. Nem a maromba aguenta, matando boi, vaca, boiada inteira. O cachorro pirento, já é um quase nada. Nem dá mais sinal de onça, anta, calango. Sem sinal de vida, no morre-não-morre. Canarana alta triscando a canela, dificultando passo. Fosse verão, usava a terra de várzea, roçava, limpava terreiro para plantar maniva, agora, nem isso. O jeito era usar a canoa ronqueira pra furar lago, botar mão no remo, com Deus no adjutório pra puxar algum surubim. Com fé, físgava um que fosse. A mulher, cara amargosa e sem dois dentes na frente, azedou com a visagem do homem ajeitando a igarité na margem.

“Já esqueceu do dia que jacaré deu com o rabo na canoa?”

“Como podia esquecer o dia que o sangue do nosso filho bubuiou na água?”

“Foram jogar aninga, o bicho se alvoroçou e deu a rabada no casco levando nosso filho na boca!”

“Achamos a ossada na vazante e enterramos no aceiro da casa.”

“Agora tu quer o mesmo destino dele?”

“Tô nessa consumição de ajeitar o de comer, senão, assim, sumindo as carnes, acabamos com o mesmo destino do nosso menino. O jitinho já tá descaído, sem força de chupar teu peito seco! ”

“Pois então tome tua cartucheira, que da tua mira ninguém escapa!”

Ribeirinho concordou, triste de ver a mulher de olho inchado, nariz remelento de tanto chorar e amargar fome. Colocou a arma nas costas, pesando nos ombros. Não tinha lembrança de errar tiro. Espingarda de estimação, nunca negou fogo. Tiro certo na cabeça de mutum, anta, cotia, macaco, paca, tatu, jacu pra não estragar a carne. Fartura por muitos dias. A mulher salgava a carne e a família se ajeitava sem reclamar. Agora, a comida acabada.

No acordo acordado, matuto foi obrigado a enfiar a perna até o meio na beira do lago. Caldo de merda formando trilha na água, subindo na terra. Anta era bicho cagador, dispersando a semente na mata. Na terra firme, o cagaço da bicha acabando. Copaíba tombada com raiz e tudo, cortando a trilha na terra fraca até pra segurar árvore. Matuto se embrenhando na mata, pensando na carne salgada, no quente da rede, na palafita aguardando a água do lago baixar. Na árvore buliçosa, macaco guariba fazendo cisma, criando caso, luxento. Tivesse perto, levava bala no olho. Mulher não ia gostar, sem chá do coco do guariba pra fazer remédio pra papeira. Matuto levando cagado nas vistas, o macaco fugindo desorientado, deixando o ardume nos olhos, raiva na alma, vazio no bucho. Mas não deixava o matuto só.

Mutuca, pium, borrachudo picando a pele do homem, braço e perna já lanhados de tiririca. Cheiro de sangue no ar. O matuto amofinando na mata, cansado, esmorecido, tonto de fraqueza. Sem rasto de anta, imaginando que a bicha tomou o rumo da beira, bebendo água pra matar a sede. Tivesse achado algum caititu, um inambu que fosse, não perdia a viagem. Mas anta é esperta, corre que nem gato maracajá, se não acompanhar com os

olhos, fica só no vazio. Bicha arisca. E o vento açoitando, forrando o chão de galhada, cipó, raiz e folhas pra apodrecer no chão. Matuto tora o tabaco, enrola o cigarro nos dedos, fuma o tempo, pensando na precisão. O lombo doendo de tanto cortar planta, abrindo picada na mata. Doendo do peso da arma, da barriga vazia. A água não toldada, limpa, sem rebuliço de pata ou focinho, dizendo que a anta não passou por ali. Nem anta nem onça, que essa pisa leve, mas em tempo de chuva não faz parada. Fome aperta, tonteira. Só na piedade de Deus. Desesperança tomando corpo no corpo doído do homem. Só falta agora aparecer sucuriju na picada aberta.

O matuto rompe marcha no caminho de volta. Tivesse cachaça, esquentava o peito, sem medo de onça, de fome, de panema do mato, chamando morto de volta à vida. Ticoã cantando, agourava a alma. Mas não era o único a barulhar perto do igapó. Tinha sapo, grilo, macaco, tudo na gemedeira da noite sem lamparina. A lua no céu, deixava a noite clara pra adivinhar o rumo de casa. Coisa linda de ver. O cigarro fazendo saliva no canto da boca. Até a chuva branca cair de novo, pra terminar de afugentar tudo que é bicho.

Em casa, a mulher amargosa não se conforma com o despacho da viagem. Reclama do tempo que era cunhã jeitosa, de muito pretendente. Perguntou se o homem esquecia. Mas os anos não deixam ninguém esquecer. O matuto bem que tentava, mas lembrava da rapaziada, da cachaça farta de boca em boca, das farras com as caboclas, do bem-querer. Agora era só a precisão. No inverno, bicharada fugia. No verão, fartura de peixe até a água se acabar, seca no fundo do rio. Privação do matuto tinha de estiar, feito a água do rio.

Na gastura da noite, se embolando na rede, esperaram o dia rasgar no horizonte, o sol apontar no céu. Pegaram o de mais necessidade, farinha no saco, menino no braço, canoa na água pra fugir da desgraça. Rumaram pra cidade, secar a precisão que apertava no bucho roncador. Motor ligado, deslizaram no banzeiro rumo a Manaus. Compadre já esperava no Igarapé do Quarenta, quartinho que fosse. Abria a casa, abria a esperança: dente na boca, estudo, comida, doutor pra cuidar da saúde. Matuto e a família nem piaram de tanta alegria. Nem mesmo o jeitinho no colo, na secura do peito, conformado com a fome. Comadre recebeu bem, leite morno na mamadeira pro coitadinho mamar. Parecia até que sorria, desdentado que

fosse. Compadre arranhou trabalho pro matuto de vigilante na fábrica do Distrito. Coisa de responsabilidade. Matuto importante. Assim que desse, alugava um quartinho na zona Norte, ou invadia um terreno que na cidade tinha muito. Arribava na nova vida com jeito de gente.

Na cidade, o matuto reparou nas mulheres, tudo esperta, atirada na vida, penduricalho no pescoço, braço, orelha e dedo. Dente branco em fileira, bonito de ver. Sem buraco, nem mancha. Imaculado no sorriso. Saía pro trabalho, dele pros bares, dos bares pras camas. Uma nova a cada noite, pra experimentar a carne. Ódio da mulher que só fazia reclamar do pouco ganho, das querências muitas. Apegava numa e noutra. Nenhuma o deixava só. Bebia e bebia, cachaça da fina. Matuto aprendia fácil o que a cidade trazia. Salário do mês sumindo depressa, sem parar no bolso. Os amigos, um a um se foram. As damas também, sumindo quando sumia o dinheiro. Até a mulher do matuto não lhe quis mais, protegida na casa do compadre. Discussão sem fim, martelando na cabeça.

“Por que não morre?”

Não esquecia. Dormindo na praça, banco duro como a vida. Na cidade tanto quanto o interior. A noite mal dormida, no sobrosso de apertar o peito. Ticoã cantando,

agourando a alma. E o vento açoitando, forrando o chão de galhada, cipó, raiz e folhas pra apodrecer no chão. Matuto tora o tabaco, enrola o cigarro nos dedos, fuma o tempo, Lombo doendo, de barriga vazia. A lua caindo nas árvores. Lua linda, não tanto quanto nas águas, perto do lago. Época de inverno, na chuva branca, não tinha anta nem onça, que essa pisa leve. Nem todo bicho tinha pra onde fugir.

VITOR LUIZ BENTO LEITE

Rio de Janeiro – RJ

Formado em História e aluno do Curso Online de Filosofia, no Seminário de Filosofia. Vencedor do concurso literário AFEIGRAF – 2016 com a obra “Bodas de Salgueiro – Contos da Geração de Concreto” e roteirista amador. Divido o tempo entre as pesquisas independentes e a sala de aula, onde leciono história e inglês.

Título premiado: É tudo culpa do inverno

Conheça mais obras do autor: vitor.educ@gmail.com

É TUDO CULPA DO INVERNO

Era o primeiro dia de aula na universidade. Bonachão. Óculos fundos. Barba esgrouvinhada. Subiu as escadas como quem respira ar puro pela primeira vez. Rapaz novo, dezessete. Ainda engasgava com cigarro vermelho. Poucos amigos, nenhuma mulher. Na sala, a pequena lhe observava. No intervalo, puxou papo. Conversa pouca e café amargo na cantina. Dali em diante não mais se desgrudaram. Aos dois, juntou-se terceiro. Longos cabelos e olhos sonolentos; Adalberto. Plínio e Viviane; quase irmãos. Rotina; banho as seis, ônibus às sete, amigos às oito, até meio dia. Vez ou outra, o rosto de um dos três, aparecia na janelinha durante as aulas. Uma conversa e um cigarro na calçada, enquanto o professor seguia lá em cima. Após, almoço na casa de um; tarde de filmes e mais a noite, voltava cada um para o seu canto. Estudavam juntos, comiam juntos, dormiam juntos; esparramados no chão, às vezes altos, às vezes sóbrios. Assim foi durante todo o ano. O quarto membro, namorado de Viviane, estava sempre que possível. Marcava-se o território com presença

e presentes. Plínio, já não mais era o bonachão do início. Moderninho, brincos e tatuagens. Descolado era por fora, mas em casa, continuava o mesmo nerd de sempre. Fim de uma manhã chuvosa. Inverno carioca. Casaco com cheiro de naftalina. Boteco frente ao estacionamento. Eles sentados, jogando baralho, ela de pé, dançando com copo na mão. Fim da partida. “Senta-te aqui que está frio”, Plínio apontou para o colo.

A pequena não se deteve, e agarrou-lhe o pescoço. Assim passaram grudados. Os da mesa se entreolhavam com estranheza e curiosidade. Adalberto, suava nervoso. Durante toda a semana, lugares marcados; ele na cadeira, ela no colo. O abraço de amigo, não foi suficiente no dia seguinte. Beijo no rosto e riso amarelo. Logo, respiração abafada no pescoço. Pelinhos ouriçados denunciavam a falta de incomodo. “Eu vou ao banheiro”, disse ao pé do ouvido.

Ele esperou na porta, o dobrar da esquina. Beijos, amassos, mãos. Adalberto nervoso fugia do assunto, quando o mesmo surgia, em meio às fugas dos amigos. Sob a proteção mambembe, o crime se desenrolava nos fundos. E como a amizade insuficiente fora substituída pelos beijos de língua, logo, estes também não tardaram frente a pressa das

pernas entrelaçados, dos corpos nus e do pecado nas camas ou fora delas.

O namorado, alheio a tudo, permanecia como sempre. Entre Plínio e Viviane, não havia ciúmes, “Apenas negócios!”, brincavam, quando questionados por Adalberto.

Nesse tempo, Plínio e o namorado, ficaram mais amigos do que nunca, “Acho que Viviane está me traindo!”, dizia esperando conselho.

Na cara dura, este lhe dizia, para que da cabeça tirasse aquelas coisas. Que nada acontecia. Que Viviane o amava.

Dizia isso, semana depois que, após muito álcool, ofereceu sua própria cama para o namorado da amiga, enquanto esta se divertia com ele mesmo na cozinha, seguros pelo ronco atravessando o corredor. Se a amizade não bastou, se os beijos não foram suficientes, se o sexo imundo de punhalada, não era ponto final, agora, os dois faziam questão de aventurar-se às vistas claras do namorado. Ao museu, foram os amigos. Adalberto conversava com o namorado, no térreo, apontando-lhe um mapa colonial. No andar de cima, atrás da pesada porta barroca, Plínio e Viviane se amassavam, voltando aos corredores sem que nada tivesse ocorrido.

Nos finais de semana, reunidos na sala e assistindo filmes, dormiam na ordem; Adalberto, sofá, Plínio, o outro, o casal, colchão no chão. Lá pelas tantas, vinha Plínio, acordado pelo silencioso chamado de Viviane. Os dois apunhalavam o rapaz ali mesmo, ao seu lado. Era excitante esperar, até por horas, que virasse para o outro lado, embalado por sono profundo. O ano se passou assim. A aventura os alimentava. Enquanto o primeiro trabalhava, o segundo a visitava. Enquanto o namorado namorava, Plínio esfregava suas pernas nas de Viviane, por baixo da mesa nas pizzarias. Por vezes, Adalberto dizia, quando o namorado ia ao banheiro, “Essa é a minha perna, cretino!”, preocupava-se, temia, odiava ser cúmplice, porém fiel, nunca dizia nada fora do trio. Nem precisaria na verdade, todos sabiam. Adalberto questionava o amigo.

- Fazes isto para que?

- É tudo culpa do inverno. Se não fosse a chuva, não teríamos procurado um calor um do outro, naquele dia – dizia com cinismo absoluto.

Todavia, foram eles mesmos, os denunciantes. Repetindo as aventuras da madrugada; a expectativa com mãos rebolando embaixo dos cobertores, a fixa vigília, pelas costas. A nuca coberta anunciava a segurança. O

namorado virou-se, mas acordado. O silêncio foi o palco dos gemidos baixos e abafados; testemunhou pelo reflexo na tevê. Tranquilo como um frei, esperou que a namorada se saciasse. Percebendo que não mais, levantou-se e lavou o rosto na pia do banheiro. Voltou. “Conversaremos amanhã!”, disse aos dois.

Plínio gelou. A insegurança e o medo, retratos da anterioridade universitária, lhe tomaram por dentro da casca construída. Não dormiram. Conversaram os três até o sol nascer, quando ele pegou suas coisas e foi embora. Deitando-se novamente, os dois se olhavam. De olhos fechados no sofá, Adalberto balbuciou ainda dormindo.

- Eu avisei que ia dar merda...

As semanas se passaram. Os três permaneciam unidos. O término. O retorno. Para a surpresa de todos, o casal reatou. Boquiabertos, Adalberto, Plínio e até mesmo Viviane, espantavam-se.

- “Deslize perdoável”, ele disse – Viviane explicava.

- Que pare por aí então... - Adalberto quase implorava.

E parou... tudo continuava caminhando como sempre. Os filmes, os finais de semana juntos. Plínio e o namorado, inclusive conversavam entre si. Livros e filmes.

Passeios e cinemas. Como se nada tivesse acontecido. Como se nunca tivesse visto, ninguém trepando com sua garota. Com o tempo, a aventura se diluiu. As amizades saturaram. Antes, porém, Viviane conhecera um tal. Para lá ela foi, deixando todos aqui. Quando voltou, finalmente o namorado terminou em definitivo. Viviane chorosa, acudia-se com Plínio e Adalberto. Depois dali, poucos meses depois, as saídas diminuíram. Trabalho, namoradas, menos tempo na universidade. Cada um foi para o seu lado. Diz-se que Plínio e Viviane, viam-se cada vez menos, até que simplesmente, eram apenas lembranças. Adalberto ainda permaneceu fiel aos dois. Os meses, os anos, mais anos. Até mesmo Adalberto e Plínio, não mais se viam. Sobrancelhadas, apertos de mãos e breves conversas, quando se encontravam repentinamente.

Anos mais. Viviane agora morava com outro. Não aquele da viagem, não com o mesmo tal. Quase quinze anos se passaram. Plínio agora era um jornalista, com livros publicados. Adalberto, um funcionário público robótico. Viviane... quem sabe. O ex-namorado... menos ainda. Em seu segundo livro, Plínio resolveu, como troça de conto, registrar a situação que vivera. Outros nomes, mas o mesmo teor. Sucesso. O livro esgotou em dias. Ignoravam-se as

outras histórias; aquela vendeu o tomo. Convidado, em tarde de autógrafos, recebia os elogios dos desconhecidos leitores. Perguntavam sorridentes:

- Em que se inspirou?

- Realmente aconteceu?

- Tu és o amante ou o amigo?

- Só não digas que é o namorado ou a pequena! - riam-se todos.

No final do dia, a fila se acabara. Despedidas. Caminhada solitária até o táxi. Antes de entrar, pela rua, marchava, rosto conhecido. Era o ex, envelhecido de década e meia sumido. Sacou uma pistola e acertou-lhe um balaço bem no meio da testa. Estirado na calçada, ainda pode ouvir os pneus do taxista se afastando em desespero. Do ex, como sempre, nunca mais se ouviu falar. Os jornais estamparam a notícia, mas logo, foi também esquecido por estes.

Nas conversas com conhecidos, ao amigo fiel, protetor e guardião dos pecados amigos, perguntavam.

- E como vão aqueles que tinhas ao teu lado?

- Da pequena, não tenho notícias.

- E do outro? Aquele rechonchudo.

- Esse faleceu há pouco.

- E de que faleceu?

- Suicídio.

Destiques

Sul

Fluminenses

(Conto)

CARLOS BRUNNO SILVA BARBOZA

Valença – RJ

Nasci em Barra do Piraí/RJ, comecei a escrever quando residia em Valença/RJ (transformando-a em minha cidade afetiva como escritor) e leciono português na E. M. Alcino Francisco da Silva, na região rural de Teresópolis/RJ. Sou autor de oito livros; tanto eu quanto alguns de meus alunos já ganhamos concursos literários nacionais e internacionais. Criei o blog “Diários de Solidões Coletivas”, organizo o Sarau Solidões Coletivas, promovo e participo de eventos em diversos lugares do Brasil.

Título destacado: Miserável Futebol Clube

Conheça mais obras do autor: carlosbrunno@bol.com.br

MISERÁVEL FUTEBOL CLUBE

Livremente inspirado na matéria: “O jogo dos miseráveis”, de Flávio Aduato, publicada na Folha de São Paulo, em 31/08/1975.

- Intão, fessô?... O que o dotô disse? Eu vô ficá bão, né?

O rapaz finalmente acorda e me dirige a palavra. Encontro-me de frente para o rapaz, de 20 atléticos anos, uniforme sujo, corpo completamente suado, a respiração ainda arfante, no ritmo do jogo que pra ele encerrou bem antes da hora. Em contraste ao porte extremamente saudável do rapaz, o corpo exausto, atirado numa maca improvisada, sugere uma implacável derrota, a perna esquerda irremediavelmente fraturada. Estamos sozinhos no vestiário, os outros jogadores estavam muito apreensivos com a cena e pedi que saíssem. A tragédia já trazia drama demais para mim e para o garoto.

Retomo comigo mesmo os lances anteriores: o estádio pequeno, mas cheio de olheiros, jogo duro, placar

empacado no zero a zero, o garoto quis mostrar serviço; extremamente habilidoso, craque nato, possível reforço de algum time de maior expressão, ele driblou o zagueiro e já partia para o gol e para glória, até o outro zagueiro dar aquele carrinho criminoso por trás. Apito do juiz, pênalti marcado, zagueiro adversário expulso, confusão, mesmo os culpados querem ter razão e o garoto ali, desmaiado, inconsciente da penalidade, fratura mais que exposta, chamo a atenção do capitão da nossa equipe – vai ver o garoto, pô! -, corre-corre, cadê o médico, caraca!, maca vagabunda, enfermeiros despreparados, “é o que deu pra arrumar”, afirma o dirigente pão-duro, alguns jogadores finalmente se desligam do frenesi do jogo – o camisa 10 tá mal, professor! Será que sai dessa? -, respondo que não sei. E agora o garoto me encara, busca desesperadamente uma esperança impossível em meu olhar falsamente firme.

Queria lhe dizer: já vi esse filme, rapaz, você é mais um que vai pro chuveiro pra sempre e logo, logo perceberá que nessa profissão não temos nenhum seguro, o governo planeja, o presidente da República Ernesto Geisel diz que apoia uma medida de assistência ao atleta profissional, diz que vai trazer uma solução pro desamparo da gente, mas até agora tudo promessa, somos artistas ilustres de um circo de

luzes sem brilho e nesse miserável picadeiro da Confederação Brasileira de Desportos ainda não há planejamento, só desorganização, você está perdido, irremediavelmente perdido. Penso mil coisas em breves segundos, mas até o momento não lhe respondi nada, o garoto quer uma resposta, Otávio, vai jogar um papo furado ou vai dizer a verdade? Desvio o olhar, dou de cara com o calendário da Coca-Cola, com os dizeres “Isso é que é” ao lado da marca do refrigerante, na parede do vestiário – sexta-feira, 13 de junho de 1975, eu sabia que pôr o time pra jogar numa data dessa ia ser de lascar -, finalmente respondo, opto pelo esquema mais covarde, retrancado:

- Vamos ver, garoto, vamos ver...

Dá para perceber no semblante dele a decepção com minha resposta. A face bronzeada e iluminada como se um sol sempre traçasse um sorriso em seu rosto, o jeito brincalhão, sempre tentando manter o ânimo dos colegas, apesar dos frequentes atrasos de salário, toda elegância feliz do jovem se desfaz em uma ameaça de nebuloso pranto. Fraturado, esse será o nome do garoto agora, seu nome de batismo é passado, esquecimento, nem o mais fiel integrante de nossa humilde torcida se lembrará da breve passagem do rapaz

pelo nosso pequeno clube. Mas o garoto não desiste, finge que não manja ou realmente não manja mesmo.

- Mas, fessor... é só dá um “taime”, né...

- A fratura é séria, Beto...— desta vez, sai sem pausa. – O diagnóstico do médico, apesar do exame não ter sido completo, não é nada animador, rapaz. Ele te sedou e foi buscar a equipe médica, talvez você ainda não tenha manjado, sua perna esquerda está jogada pro lado, quebrada, daqui de onde vejo é como se ela estivesse fora do seu corpo. Acho que você vai ter que começar a pensar num outro meio de seguir em frente fora dos campos. Sou experiente nisso, garoto, sinto muito, mas acho que você vai ter que pendurar as chuteiras... – eu mesmo me interrompo, aterrorizado com meu surto de sinceridade. Deve ser cansaço, fico noites sem dormir e estou velho demais pra prosseguir nessa carreira, nem o bicho do jogo do mês passado os desgraçados me pagaram. Putz... Mas sou como o garoto... o que vamos fazer da vida sem a única coisa que nos prestamos a fazer? Aposentadoria não temos, apesar de pagarmos aquela porcaria de INPS. Como sobreviver sem esse maldito futebol? – Me desculpe, Bebeto, estou sendo brusco com você, rapaz...

- Brus...quê, fessô?

Ah, meu Deus, o que vai ser desse moleque? Não deve ter nem o primário completo; uma vez que pedi aos jogadores que anotassem frases de incentivo ao lateral Jorginho, que ficaria lesionado por uns 3 meses, esse garoto demorou um século para anotar um “Milhoras, amigu” e mais meio século para assinar o próprio nome. Tive que dar uma bronca pra acelerar o processo. Ideia imbecil também aquela que eu tive... é, realmente preciso me aposentar, mesmo sem aposentadoria pra tirar.

- Eu quis dizer: me desculpe se fui grosso, Bebeto. – me esforço pela segunda vez para não esquecer seu nome, não lhe adiantar o desamparo ao qual o garoto vai ser atirado.

- ‘tendi, fessô!

Não sei porque esses moleques me chamam de professor, tomara que essa moda não pegue em outros times; não tenho nada demais pra ensinar a esses garotos, necessitam é de escola, alfabetização, um professor de verdade. Mas o fascínio com a bola gosta de flertar com a ignorância. A Loteria se aproveita dessa ingenuidade para faturar em cima desses pobres coitados e não dar nem um bicho minguado pra eles. Nem pra mim. Mal o Conselho Nacional de Desportos fatura uma merreca do montante fabuloso que a Loteria arrecada.

- Me'rmão tá no Framengo, fessor, tá de reserva, mas é fera e já ganha muito mais cruzero qui eu por mês. Quem sabe dispois de mim recuperá vô pra lá...

Deve ser uma espécie de trauma, o garoto parece estar em permanente delírio. Acabou, Beбето! Agora é só desgraça: primeiro Fraturado, depois Desempregado, caçando bico, sem outro ofício conhecido fora das quatro linhas. Meu Deus, ele mal ouviu a última frase que eu lhe falei! Ele me encara mais uma vez, contorcendo um sorriso dolorido, seus olhos brilham. Me repito, de volta à retranca:

- Vamos ver, garoto, vamos ver...

Miserável Futebol Clube... somos hábeis atletas do jogo dos miseráveis...

Ouçõ ruídos de alguém entrando no vestiário. É o doutor com a equipe da ambulância. Ao lado deles, Silvio, o vice-presidente do nosso clube, consternado. Pelo jeito, o nosso presidente nem quis dar as caras pelo vestiário hoje. Seja como for, aceno para eles e disfarço o alívio de vê-los se aproximando; os breves minutos com o garoto tiveram o peso de uma eternidade.

- O médico já está chegando, garoto. Vou indo... Fica em paz e melhoras, rapaz.

- Fessô...

Mais eternidade pesando sobre meus ombros cansados desse jogo truncado. Forço uma paciência que há tempos eu já perdera:

- Pois não, garoto...

- E o pênalti? O juiz marcô, né? Nosso ponta-direita qui bateu? Foi gol?

Sorriso. Como esse garoto ainda consegue me fazer sorrir em meio a toda essa tragédia? Deve ser dom, deve ser...

- Sim, o juiz marcou e foi o Mazão mesmo que bateu. E sim, garoto, foi gol, goleiro prum lado e bola pro outro. Foi gol graças a você, garoto, Parabéns!

Bebeto sorri. Cumprimento o médico, sua equipe e o Silvio. Antes de sair, cochicho nos ouvidos do último:

- Silvio, só te peço uma coisa: não conta pra ele que, depois do pênalti, o time adversário fez dois gols e virou o jogo, por favor. Se o garoto perguntar o placar, muda de assunto, finge que não ouviu. Deixa o garoto curtir, pelo menos por alguns segundos, a vitória efêmera.

Silvio dá um leve tapinha nas minhas costas, em sinal de concordância com o meu pedido. O clube não nos paga devidamente, mas, pelo menos, finge ser simpático aos nossos desejos mais simples.

Dirijo-me até a saída. Será que passarei a noite sem dormir
mais uma vez?Dando voltas pela Barra Mansa antiga,
encontramos uma Volta Redonda pequena
que

ELISA CELINO

Resende – RJ

Escritora desde os doze anos, foi agraciada em concursos ainda em idade escolar. Após curso de Estrutura Literária ministrado por Eduardo Spohr na FACHA, no Rio de Janeiro, publicou em 2012, junto com mais onze amigos, os Contos da Confraria. No mesmo ano, foi selecionada para a coletânea Caminhos do Fantástico – volume 1, editora Terracota. Compartilha em seu blog poesias, crônicas e pensamentos. Entusiasta de terror, realismo fantástico, fantasia, sci-fi e tudo que provoque a imaginação.

Título destacado: Do amor inesperado

Conheça mais obras da autora: celinoelisa@gmail.com

DO AMOR INESPERADO

Naquele sábado eu pretendia dormir mais que a cama. Infelizmente, meu relógio biológico tinha feito outros planos. Arrastei-me às seis e quinze da madrugada para o banheiro, preendi os cabelos desgrenhados e lavei o rosto. Não havia pão, ou queijo, ou leite. Suspirei, troquei de roupa e peguei a carteira.

Esperando pelo elevador, tentei me lembrar do que sonhara naquela noite. De uns tempos para cá todos os meus sonhos envolviam o trabalho: mesmo dormindo eu me via envolvida por papéis, telefones, gráficos e chefes confusos. Abri a porta. Havia um elefante dentro do elevador.

Pensei que ainda estivesse dormindo e dei umas dez piscadelas nervosas. Senti que ainda tinha os olhos meio remelentos. Senti que havia me esquecido de escovar os dentes.

- Desce? – perguntei, óbvia.
- Sim. E a senhora?

Foram os mais longos segundos desde que meu pai arrancara meu primeiro dente.

Ele era muito grande. As presas mal cabiam no confinado espaço. Usava óculos e chapéu coco, e parecia estar incomodado com meu olhar insistente. Tentei disfarçar e voltei minha curiosidade para o chão. Como será que se equilibrava apenas nas patas traseiras?

– Mudei-me há alguns dias. Chamo-me Frederico – disse.

Pisquei mais quinze vezes. Quando isso acontecera? Eu chegava tão tarde e já me punha a dormir; não percebia o que se passava no prédio.

– Eu... Eu sou Marina. Espero que goste daqui – tentei parecer simpática.

– Espero que possam me perdoar pelo barulho.

O barulho. Noites atrás, eu havia acordado para beber água e ouvi um som constante e pesado, como bigornas caindo. Ignorei, considerando que era uma alucinação após um dia cansativo de trabalho. Tomei um Dramin e voltei para a cama.

– Tive de fazer adaptações ao apartamento – ele se explicava, ajeitando os óculos.

Chegamos ao térreo. Virei para a direita, em direção à padaria. Ele seguiu para a esquerda, em direção à banca

de jornal. Acenou-me brevemente, tocando a aba de seu chapéu.

Naquele fim de semana, decidi fazer a merecida faxina que há tanto postergava. Papelada, roupas velhas, fotos de antigos amores: tudo teria novo destino.

O interfone tocou.

- Boa tarde, vizinha.
- Boa tarde... – eu não reconheci a voz.
- Sim, aqui é seu novo vizinho. O do andar de cima.
- Ah, claro – era Frederico. – Tudo bem?
- Sim... Bem, gostaria de perguntar se poderia me emprestar um pouco de farinha.

Olhei para a despensa quase vazia. Ainda havia alguma coisa no pote de farinha.

- Sim, claro. Sem problemas.
- Muitíssimo obrigado. Já estou descendo.

Enquanto ouvia seus pesados passos cada vez mais próximos, me perguntava: quem pede uma xícara de farinha ao vizinho hoje em dia?

No canto de minha boca, brotou um pequeno sorriso.

Tomamos café juntos naquela tarde. Ele contou-me que era o tio solteirão de uma leva de cinco irmãos na manada. A irmã mais velha praticamente o criara, e seus

pais haviam falecido quando ele ainda era um filhote. Mostrou-me a foto dos parentes, a qual sempre trazia em sua carteira. Percebi que se emocionara e servi mais café.

– Mas por que veio para tão longe? – eu estava curiosa. – Não poderia se ter mudado para uma cidade vizinha?

Frederico tirou do bolso um lenço de linho. Depois, o olhar fixo no azulejo azul de minha cozinha, disse:

– Você não entenderia, minha cara.

Pois aí está. Frederico parecia estar além da minha vã compreensão – e justamente por isso me senti compelida a me aproximar.

Escurecia. Frederico despediu-se educadamente, dizendo que tinha por costume dormir muito cedo. Agradeceu-me a gentileza do café e da farinha, e combinamos continuar a conversa outro dia.

Apoiei o rosto na porta de madeira e vi-o entrar no elevador.

A despeito dos olhares reprovadores dos outros, Frederico e eu nos tornávamos cada vez mais íntimos. Íamos ao cinema; conversávamos sobre Foucault, Marx, Nietzsche; ríamos das piadas de Monty Python; caminhávamos à beira-rio observando as pessoas nos

observarem. Dividíamos nossas impressões sobre os livros favoritos. Foram os melhores três meses da minha vida.

Acredito que tenha sido no coquetel de lançamento daquela coletânea de haicais. Não, não: foi no aniversário da minha tia. Também não... Tenho quase certeza de que foi lavando a louça do jantar de quinta-feira.

Sim, isso. Foi quando percebi que estava apaixonada por ele.

Minha primeira reação foi rir – um riso nervoso e amarelento, quase soluçado. Olhei para minhas mãos cheias de detergente, a água correndo fina pela torneira.

– Estou apaixonada – disse baixinho.

Certa noite, em uma reunião na casa de um amigo e após uma cuba-libre e outra, acabei contando a novidade. Todos me olharam com espanto. Até mesmo o dono da casa, o Rui, tido como o maior liberal de todos, olhou-me taxativo por detrás de seus óculos de aro grosso.

– Um elefante, Marina? Se ainda fosse um leopardo, ou um tamanduá!...

– Minha professora de Filosofia casou-se com um jaguar – disse Ana, tocando o gelo de seu uísque com a ponta do mindinho. – Dois meses depois pediu o divórcio.

– Tem aquele caso famoso... – lembrou-se Lino. – Aquele cantor humanitário...

– O projeto de Madre Teresa? – Rui limpou os óculos. – Aquele lá teve um *affair* com uma arara-azul, mas foi pela publicidade. Dizem que é chegado mesmo num gorila.

A conversa degradingolou para aqueles a favor do amor livre e outros pela moral e bons costumes, como minha tia-avó costumava dizer. Suspirei. Ninguém ali poderia me ajudar.

Confessei-me a Frederico em uma tarde de domingo, enquanto caminhávamos pelo parque da cidade. Ele ajeitou seu pequeno chapéu coco e enrolou a tromba sobre o meu braço, e disse que nunca poderia dar certo.

– Por quê? – a voz me sumia.

– Porque estou morrendo – disse, os olhos negros de pura compaixão e amizade.

A compreensão veio-me tal um murro no estômago. Pisquei compulsivamente, e a lembrança das aulas de Ciências me acordou do transe. Afinal, por qual outro motivo ele se afastaria da família?

– E... Eu não poderia te ajudar? Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Sem saber, já está fazendo.

Muitos anos se passaram até que eu pude amar novamente. Mas mesmo assim, a lembrança de Frederico fica-me ainda mais viva quando levo os pequenos ao zoológico.

JOSÉ ADAL PEREIRA DE SOUZA

Volta Redonda – RJ

Nasci em Niterói, RJ, no dia de São José, de 1944. Fiz Teologia e trabalhei como missionário na região cacauceira baiana. Mudei para Volta Redonda e segui trabalhando. Aposentado, dediquei-me ao que mais gosto, pesquisar e escrever. Com cinco livros publicados – ADÃO, FEITO DA TERRA já teve mais de duas mil cópias vendidas e NASCE A CIDADE DA CURVA DO RIO já bate as mil cópias.

Título destacado: O jornalista e o cangaceiro

Conheça mais obras do autor: joseadal@gmail.com

O JORNALISTA E O CANGACEIRO

Em um sarapatel na Academia de Artes e Letras da qual participamos, o colega jornalista Tio Mica, em um de seus rompantes definitivos, declarou: Se desse de cara com esse homem fazia uma entrevista com ele. Falava do nordestino Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Olhávamos um painel com fotos do cangaço.

Mica é um homem de estatura mediana, cabelos brancos e olhos que magnetizam o entrevistado, pregados num rosto redondo e simpático. Ele incomoda, porque fala com uma convicção que não admite contestação. E o que diz, é proferido com total certeza de que é a pura verdade, e realmente quase sempre tem razão.

Ao lado dele me sinto Sancho Pança e o vejo como o cavaleiro andante Dom Quixote. E como o camponês Sancho, também gosto de interpelar e instigar o bom amigo. Assim, quando ele declarou peremptório: Se desse de cara com esse homem fazia uma entrevista com ele. Interpus:

Acho que o bom radialista ia ficar mudinho da silva. Ah, pra quê! ele respondeu indignado: Você não me conhece, amigo Zé; quando estou com o microfone na mão me transformo; as palavras me acodem sem que me dê conta da personalidade do entrevistado. Calei-me e continuamos vendo o cangaceiro esbelto com sua roupa de couro para enfrentar os desafios da caatinga. Maria Bonita pousava ao lado, bonita e faceira, mas a fama que correu dela nos fazia olhá-la com respeito e temor. Nem pros peito dela tive coragem de olhar. O presidente da Academia parou ao nosso lado, pernambucano que nem Lampião, disse: Vocês tão olhando pra homens de verdade!

O tempo passou – rio caudaloso que leva de roldão tudo, nossa pouca vida inclusive – e dia chegou que parei o amigo na rua. Falei assim, meio atropelado: Vi uma propaganda de viagem ao nordeste e me deu grande vontade de ir; lembrei-me de ti e pensei em saber se também gostarias de ir. Ele fala sem me olhar, como se eu fosse um piolho: Do que se trata? Abro meu *smartphone* no site Rota pelo rio São Francisco com cânions e o último esconderijo de Lampião, e lhe mostro, comentando enquanto ele abaixa o rosto apontando seu nariz fino de águia para o aparelho: Uma viagem pelo rio São Francisco;

a oportunidade da gente pisar no Angico onde ele foi executado com sua tropa! Ele olhava como se tivesse hipnotizado. Rolei o artigo e ele via as figuras. Comecei a ficar incomodado, estávamos no meio da área de circulação de dois prédios comerciais. A multidão passava quase nos empurrando. Depois de um longo tempo ele disse apertando minha mão como despedida: Faça a programação e me apresente; quero ir lá. E foi embora. Ainda gritei para suas costas: Vou chamar o Maestro pra ir com a gente!

O rio do tempo rolou mais um bocado até que nos deixou num barco que avançava por entre os paredões do cânion do Xingó, perto de Delmiro Gouveia. As obras da natureza são esmagadoras e aquele corte feito pela água do rio arrastando a terra e formando aquele imenso valo nos deixava admirados. Feito um guia bobo, falei: Não disse que ia ser bonito! O Maestro conseguiu dizer: Ave Maria, é bonito demais! Mica quedava quieto, o jornalista prolixo estava sem voz. Foi uma manhã maravilhosa que terminou no restaurante panorâmico da pousada Mirante do Talhado degustando um baião-de-dois de deixar a gente doido. Estávamos no sertão de Alagoas.

Dois dias depois andávamos pelas ruas da antiga Piranhas, onde tudo lembra o cangaço. Junto com outros

turistas pegamos um barco e atravessamos o São Francisco até o Cangaço Eco Parque, já em terras de Sergipe. O guia convidava o pessoal para conhecer a Grota do Angico, onde os cangaceiros foram cercados: São três quilômetros pra lá e mais três de volta. Mas era no meio da vegetação escassa e espinhosa, e o sol ardia no cangote. O pessoal se deixou ficar nas atrações do Parque. Nós nos olhamos e o Maestro, homem afeito as agruras da caatinga, convidou a meia voz: Vamos deixar esse povo aí e vamos sozinhos. O jornalista obtemperou: Sozinhos?! Mas pagamos pelo serviço do guia! O pernambucano insistiu: Vamos só nós três, vai ser mais divertido. Mica, falou torcendo o nariz: Divertido pra quem cara pálida? Eu não disse sim nem não, feito um perfeito Maria-vai-com-as-outras. E assim, meio que escondidos, pegamos a trilha marcada por uma placa.

Com poucos metros vi um banner meio estragado e pendurado numa árvore afastada e fui lá olhar. Li, ia chamar a atenção dos dois, mas já os perdera de vista. A senda serpenteava em volta de blocos de pedra e de árvores retorcidas e de casca rugosa que brotava e sobrevivia naquele chão seco. Corri atrás deles e, esbaforido, quase esbarrei no jornalista que, parado, observava uma arara que abria as asas. Quando retornamos a andar, contei: Lá atrás

tem um anúncio dizendo que eles encenam o entrevero entre a “volante” de soldados e o bando de Lampião. Nesse momento uns poucos turistas passaram por nós voltando do Angico. Nem um nem outro comentou o que falei. Andávamos no ritmo do Maestro, velho cangaceiro e dançador de xote e xaxado, eu transpirava. Foi então, que numa encruzilhada tudo desandou.

O Maestro levantou a mão no sinal de parar. Estávamos na trilha, num trecho com muitas árvores, e a frente se via um caminho que chegava pela esquerda. No silêncio do sertão, cortado por bater de asas e uns poucos pios e cantos, ouvimos distintamente um arrastar de pés e alguns sussurros. Logo vimos uma tropa caminhando apressada. As roupas eram as dos sertanejos da caatinga, os chapéus de couro com as abas chapadas para cima rebrilhavam com apliques de vidros e pedras coloridas que formavam desenhos de estrelas e luas. O caminhar era rápido, todos bem juntos, e havia mulheres entre eles. Bem que tentamos nos fazer de invisíveis, mas não deu. O homem magro que ia a frente virou o rosto e nos viu, gritando: ôôô. Meu coração estava saindo pela boca, dos outros dois não sei.

Cheguem para cá! – bradou o homem magro, rosto vincado de rugas e... O jornalista falou primeiro: Ele tem um tapa olho! A que o Maestro, declarou pausadamente: É Virgulino. Avançamos e fomos cercados. Aquela gente cheirava a perfume, suor e roupa muito usada. Nunca senti, mas imaginei que seria o mesmo cheiro almiscarado da onça e do lobo-guará. O capitão, assim o identifiquei, perguntou com o olho bom meio fechado como para nos ver melhor na luz forte do fim da manhã: Quem são vocês? O Maestro pareceu que ia falar, como se demorava, indaguei: Os senhores são os artistas? Estão indo fazer a encenação? Um cara muito encostado ao meu ombro deu um bufido que chegou às minhas narinas. Enquanto o caolho me encarou com desprazer. Uma voz feminina, meio cantada, falou próxima ao ouvido do chefe: Ele acha que somos artistas de circo?! O chefe amarrou mais a cara. Bom que o Maestro veio em meu auxílio: Desculpe capitão, ele não regula bem da cabeça. O jornalista mostrou que falava a verdade quando se gabou lá na sede de nossa Academia: Se desse de cara com esse homem fazia uma entrevista com ele.

Então, como faz nas ruas, empurrou o pessoal abrindo uma roda e se postando de frente ao maioral meteu a mão na capanga ... e foi um Deus-nos-acuda. Um homem

meio barbado saltou entre o jornalista e o cangaceiro com uma peixeira de quase um metro na mão cheia de anéis. Depois ficamos sabendo, mas na hora a rapidez do “cabra” já o identificava como João Corisco. A ponta da arma branca encostou na garganta de Mica. O maestro socorreu novamente: Ele não tá pegando arma não, minha gente! E vagorosamente o entrevistador puxou o celular para fora da bolsa e foi falando: Aqui quem vos fala é o repórter Tio Mica entrevistando o capitão Virgulino Ferreira da Silva. O maestro explicou aos homens: Ele é um jornalista de um famoso jornal do sul do país. Senti, mais do que vi, que o clima tenso se arrefeceu. Maria Bonita forçou passagem e chegou à frente, ao lado do marido: Vão tirar foto? Eu me adiantei com meu *smartphone* na posição de fotografia. Abri caminho a minhas costas, afastei-me mais para dentro das árvores e disparei uma, duas, várias vezes, focando o casal, Corisco com o punhal atravessado no peito, ele com a mulher Dada e a tropa junta e separados. O capitão interpelou: Ô maluco, não tem explosão de luz, não? Respondi cheio de empáfia, afinal era o fotógrafo: Tá muito claro, tem muita luz natural; vou lhe mostrar. E virando a tela para o casal lhes mostrei as fotos. A cambada toda se

apertava atrás de Virgulino querendo se ver nas fotos. Fiz o maior sucesso.

Mas o profissional tomou a palavra: Capitão, me responda por favor, acredita que sua campanha está dando resultado? O capitão olhou bem para o homem de cabelos brancos, igual a ele já mandará mais de uma dúzia prestar conta ao Pai celeste: É só o senhor entrar em qualquer cidade e perguntar como era e como é. Continuou: Os políticos e os fazendeiros faziam o que queriam ofendendo os mais fracos, roubando seu gado e sua terra e ficando cada vez mais ricos. Parou, como um bom orador: Agora, se os jagunços deles cercam a casa de um desses pobres coitados, ele grita lá de dentro: já mandei aviso pra Lampião!, e eles se escafedem. O jornalista tentou: Então o senhor acha... Ao que enfiando o dedo rijo no peito flácido do homem com o celular no modo gravador na mão, falou: Não penso ou acho coisa nenhuma, seu jornalista; eu faço, executo, tomo em minhas mãos o destino da minha pátria. Maria Bonita, disse: Nós estamos escrevendo uma nova história para esse país, seu moço; é o fim da roubalheira.

Foi quando, desastrado que sou, resolvi me meter na conversa de gente séria: O senhor já ouviu falar de Lula da Silva? É seu parente? E tudo se esfumou. Fiquei ali

parado, meio zozzo e escutei o Maestro falando: Derrama bastante água na cabeça desse jegue! Gente da cidade vem se meter nessa terra de macho, dá nisso, desmaio.

Voltei meio que carregado pelos dois em tempo de pegar o barco e voltar para Piranha. E ainda dancei xaxado aquela noite.

RICARDO VIEIRA

Volta Redonda – RJ

32 anos, natural de Volta Redonda. Jornalista formado pela primeira turma do UniFOA, com pós-graduação em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte, pela Facha. Iniciou a trajetória profissional no jornalismo no Diário do Vale. Passou por também pela Band Rio Interior e pela Carta Z Notícias. Trabalha há quatro anos com Marketing Digital e hoje é coordenador de marketing da Contentes.

Título destacado: Devia ter dado para todos

Conheça mais obras do autor:

ricardo.c.vieira@hotmail.com

DEVIA TER DADO PARA TODOS

Não gostava do emprego. Tudo bem, poucos gostam. Mas o trabalho era daqueles que enlouquecem; tipo ascensorista, sabe? Parada no mesmo lugar, olhando quase sempre para o mesmo ponto, a mesma janela seguida de fora pra dentro por uma mesa, seguida por ela com uma vista de uns 120 graus de angulação da rua. Pra fora, uma pista de mão única e do outro lado o estacionamento de um banco. Movimento de pedestres relativamente baixo. Dia, sempre dia. Calor, quase sempre calor. O trabalho era bem simples: os carros entram; anota a placa; entrega um comprovante; espera o retorno dos proprietários dos veículos; recebe o comprovante; calcula o número de horas; recebe o valor equivalente. Chato. Basicamente esperar.

A espera passou a ser por um respiro de vida. Do trabalho para casa, da casa para o trabalho. Surpreendentemente, ganhava bem, pelo menos para aquele tipo de serviço. O estacionamento era de um endinheirado

conhecido da família que preferia pagar mais para alguém de confiança. Ela estava sem confiança. Começou com a traição do namorado, que engravidou outra. Veio a falta de vaidade. Em seguida, Maria, a irmã mais nova, noivou. O tempo estava passando.

Passava sempre aquele moço de paletó. Poucos eram os assíduos por ali. Com os clientes, o contato era feito por meio de uma micro janela com grades. Ninguém nem puxava papo. O moço de paletó dava bom dia. Não era bonito. Quem ama a oportunidade, bonito lhe parece. A vaidade voltou. Maquiagem, cabelo arrumadinho, dependendo até decote tinha. Bom dia, bom dia com sorriso no rosto e dedo brincando com uma mexa de cabelo. Não demorou e o moço começou a passar mais vezes. Tá quente, hein? Nossa, imagino pra você que está com esse paletó. Evolução lenta, o fermento mais eficaz para os devaneios.

Imaginou um jantar em um restaurante caro; a apresentação para os pais; a lua de mel; o cachorro; os filhos; imaginou até desejá-lo.

Com uns 10 anos a menos do que o moço de paletó, um moço de roupa de academia também passava. Quase sempre no celular, espalhafatoso. Depois que a vaidade apareceu, ele a notou. No dia seguinte já parou para bater

papo. Divertido, em dez minutos já apareceu um convite para sair. Isso na segunda. Na sexta, falou em motel.

17h, hora de ir embora. Um carro importado no pátio e 15 minutos de tolerância. Esperou 25. O dono não apareceu e ela decidiu ir embora. Dane-se, está escrito em letras garrafais ‘após as 17h o veículo só poderá ser retirado no dia seguinte e será cobrado o valor de pernoite’. Trancou tudo e começou a caminhar para o ponto. Ei, moça! Era lindo e pediu desculpas; o atraso do médico foi o bode expiatório. Aceitou. Ele ofereceu carona, que foi negada. No dia seguinte recebeu flores; no cartão um agradecimento pela compreensão e um convite para jantar.

Um dia o portão eletrônico enguiçou. O técnico chegou de moto. Tirou o capacete e botou óculos escuros. Não era belo, mas era grandalhão, confiante, do tipo que não liga para outros tipos. Consertou o portão e deixou o telefone com um me liga mais do que sugestivo, indicativo. Outros passaram.

O trabalho, que enlouquecia, que fazia com que reclamasse da vida, já nem parecia mais tão ruim. E o moço de paletó finalmente resolveu convidá-la para sair. Enfim ter vencido a tentação de tantos outros pretendentes valeria a pena. Isso mesmo. Empenhou-se em viver um romance

que ainda nem tinha começado. No sonho dos jantares, lua de mel e cachorro estava uma boa esposa, fiel. Agarrou-se a ideia de que ele seria o homem certo.

Não foi um restaurante caro como ela imaginou, mas também nada chinfrim. Longe, na cidade vizinha. Música lenta de fundo e garçom educado. A conversa foi boa; o vinho foi mais. Ele foi gentil e educado. No fim pagou a conta. Só quando se aproximavam do carro deu o primeiro beijo. Ela gostou. Um tanto sem paixão, mas gostou. Assim que abriram os olhos ele reclamou de tontura. Ela se preocupou e se ofereceu para buscar água no restaurante. O moço temeu pegar estrada porque achou ter exagerado na bebida. Ela tentou inventar uma saída, porém, sem saber dirigir, aceitou dormir em um hotel. A noite seria rápida; antes do sol nascer eles estariam no caminho de volta. Não teve motivos para maldar, afinal, ele iria ser o homem da vida dela.

Ele pediu só mais uma taça, já no hotel. Ela, que já havia avisado que nada aconteceria, passou a considerar a hipótese mentalmente. Alguns beijos mais tarde e o moço não estava mais de paletó. Não foi nada de outro mundo, mas ele pareceu ter gostado. Ela ficou feliz.

Ele não mentira sobre a hora do retorno. Seis e pouca já a deixava em casa. Foi frio na despedida. Ela pensou que poderia ser timidez. Combinaram telefonemas, que só aconteceram por parte dela.

Ele parou de passar em frente ao trabalho. Aos poucos, ela foi deixando a vaidade. Aos poucos o trabalho voltou a ser enlouquecedor.

Um dia cruzou com ele na rua. Ele. A mulher. E os filhos. E o cachorro.

Refletiu sobre tudo e lembrou de todos os homens que deixou passar.

Devia ter dado para todos. Juntos.

SÉRGIO SOARES DUTRA

Barra Mansa – RJ

Escritor fluminense/capixaba, natural de Barra Mansa (RJ), nascido em 22 de novembro de 1949, residente em Cariacica (ES). Aposentado, passou a dedicar-se à literatura maçônica e outras. Tendo publicado os romances: “Além da luz”, “Filhos do sol”, “Augusta”, “Coisas D’Alma”, “Um Conto de Natal”, “Ecdise – Crônicas e Contos” – Membro Efetivo do GREBAL – Grêmio Barramansense de Letras (RJ), AMLES – Academia Maçônica de Letras do Espírito Santo (ES) e A L V V – Academia de Letras de Vila Velha (ES).

Título destacado: Segredo incomum

Conheça mais obras do autor: sergio.dutra@r7.com

SEGREDO INCOMUM

Outro dia em um evento com alguns amigos, ouvi uma história inusitada de Marta – uma antiga colega de faculdade, que tem acompanhado, com Helena - sua sócia, um grupo de adolescentes envolvido em uma relação de amizade extremamente atípica com o nascimento de quatro crianças, no mesmo dia, hora aproximada e prédio residencial – o Bloco C, de um condomínio classe média na zona sul. Falou-me:

– Imagine nossa tarde daquele domingo especial quando, por muita sorte, as jovens mães entraram em trabalho de parto logo após prestarem a última prova do ENEM.

Lembro-me que dias antes...

Na quinta-feira, presenciei um rápido tumulto na entrada norte do Shopping Central. No hall quatro mães conduziam as filhas, e seus namorados, para uma tarde de relax e conselho dos professores, ali motivadas pelas provas marcadas para o fim da semana.

Os garotos se despediam, enquanto definiam os corte e modelo dos cabelos, e as jovens seguiam para o

elevador de acesso ao prédio comercial do estabelecimento, onde, no décimo andar, temos o consultório e lá eram esperadas por doutora Helena – obstetra e pesquisadora social, que as vem atendendo desde aquele fatídico mês de descoberta da gestação geral.

Estava lá, próxima daquelas senhoras, e ouvi que diziam:

– Estes jovens fazem um belo grupo, não acham? – Observou uma das mães.

– Há uma grande união entre eles que estudam, namoram, divertem e vive uma adolescência em comum...

– Eu também aprovo! Assim, sabemos com quem estão envolvidas, suas origens e, principalmente, que estão sob nosso controle... – Comentou outra mãe.

– Unidos desde crianças... Será que um dia teremos uma grande festa de casamento? – Questionou a mais velha.

– Quem sabe? Mas vamos ao café, enquanto elas se consultam, e que na hora certa nos falem do futuro! – Afirmou a mais nova, que voltava ao grupo após encaminhar as meninas até ao elevador.

* * *

Ao término das consultas, Helena descobre o grande segredo.

– Meninas vocês estão maravilhosas, mas falta preencher alguns itens dos prontuários! Então, preciso do nome... De cada pai!

As jovens entreolharam-se, em coro responderam:

– Não sabemos!!!

A médica, olhando sobre os óculos, pensou por instantes e logo deu um belo sorriso considerando o momento.

– Adorei! ... Mas não é hora para brincadeiras de meninas!

– Pois é... Não sabemos e nossos pais também pensam que brincamos. Por enquanto, é melhor assim. Não acha doutora?

A médica em silêncio foi até a porta, trancou-a, e lhes disse:

– Mas não sou mãe e preciso da verdade, podem abrir vossas graciosas bocas. Já estou acostumada com a medicina. – Sentou-se, cruzou os braços e interrogou:

– Quem começa?

– Então... No aniversário da “Dri” bebemos além da conta e fizemos a brincadeira do “quarto escuro”. E a única explicação, é que não nos lembramos de nada e achamos que pode ter acontecido uma grande bagunça em nossas vidas!

– Bem... Teremos que resolver por exames de DNA! – afirmou a médica.

– Penso que não, doutora! – Disse uma das jovens, e continuou: – Somos muito parecidas e os meninos bem diferentes. Veja que Brian é negro, Felipe é branco de olhos azuis e cabelos loiros, Jean é claro de olhos negros e cabelos grossos e Bil é nissei. Portanto, com auxílio da biologia saberemos ao nascer das crianças, não acha?

– E como vão explicar aos pais a troca repentina de namorados? – Consultou a ginecologista preocupada com nossas pacientes.

* * *

Algum tempo depois...

Em uma maternidade próxima, escolhida pelas famílias, um quarto especialmente preparado para as jovens mães... Lá, ainda surpreendidas com a beleza e aparência dos bebês, e após a primeira mamada geral, as jovens permitiram que as crianças retornassem para o berçário, onde pela vidraça eram esperadas por oito avós. Helena, acompanhada dos quatro rapazes, foi ao apartamento e certificando que estavam em segurança, tocou no ponto crítico do momento:

– E agora? Viram que os bebês são ligeiramente iguais às mães e sem qualquer traço, cor ou etnia que identifiquem os pais? Assim sendo, novamente, pergunto: Como vão resolver este mistério da paternidade? – E continuou:

– Já pensaram nas dezesseis pessoas que não irão entender a bebedeira dos filhos e filhas??? Vamos ao DNA ou querem me ouvir?

* * *

Na mesma semana, tínhamos uma grande festa no salão de eventos do Bloco C. Era para a recepção dos recém-nascidos e cada mãe, ao entrar, com seu respectivo namorado ostentava uma pulseira hospitalar com o nome da criança e o dos pais. E assim, cada família conhecia seu descendente.

Orgulhosos pegavam os netos, até que um deles feliz exclamou:

– Duas meninas e dois meninos, quem sabe estas crianças, se apaixonam entre si no futuro?

Helena que os acompanhava, piscando um dos olhos, sussurrou para nossa assistente:

– Aí teremos um DNA para fazer, urgentemente...

Poesias

Premiadas

AIRTON SOUZA

Marabá – PA

Airton Souza é poeta e professor. Licenciado em História, pela Centro Universitário Leornado Da Vinci e licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Sul e Sudeste Paraense. É reconhecidamente um dos maiores ativistas culturais do Pará e vem desenvolvendo diversos projetos de incentivo a leitura, ao livro e a literatura. Já venceu alguns prêmios literários e pertence a diversas Academias de Letras é ainda autor de alguns livros e organizador de antologias, entre ela o Anuário da Poesia Paraense.

Título premiado: De outros gestos nos dias

Conheça mais obras do autor: souzamaraba@gmail.com

DE OUTROS GESTOS NOS DIAS

para as mães e pais, no mundo

ao ouvir a palavra amapola
o pai subterraneava dentro do coração
um gesto de lembrar minúcias
em acender trajetos para o inverno

sob suas unhas
um topografado campo
[impregnado da linguagem esquecida das sementes]
foi deixado como o retrato que acorda a casa
& seu umbral de silêncios imaginários

o pai, fazendo de relicárias retinas
tinha, avesso às rezas,
um estranho entendimento de longitudes

contudo, inventava, como ninguém,
utensílios em que homens
não sabiam ser ilhas.

o compendio da mãe & seus pacíficos
abriram fissuras no destino dos pés
para ela atravessar o que orienta
o destroço de um abismo
circundado em seu olhos

sua voz de incenso
impõe, anterior ao deserto, um pedido:
ancorar um pássaro e sua linguagem
ao espaço geográfico dentro do peito.

ANDERSON VINÍCIUS DELL PIAGGE PIVA

Araraquara – SP

Anderson Piva é mestre em Ciências Sociais pela UNESP-Fclar. Escreveu sua primeira peça de teatro, “Deus e o Diabo”, aos 15 anos de idade. A peça foi encenada pelos alunos de Artes Cênicas do SESI de Araraquara, sob a direção de Álvaro Filho. Em 2002 seu poema “Super-homem” foi premiado no Concurso de Poesia “Paulo A. C. Silva”, promovido pelo Jornal O IMPARCIAL, de Araraquara. Seu poema “Quase” foi publicado no site Releituras em 2005, na categoria Novos Escritores. Escreve artigos para o jornal O IMPARCIAL. Atualmente trabalha no seu primeiro romance, intitulado “Colégio Modelo”.

Título premiado: Ana crônica

Conheça mais obras do autor: andersonvpiva@gmail.com

ANA CRÔNICA

Sou fogo, sou aço;

Serei.

Sou.

Passo.

No espaço, sou beco:

Na corda, sinfônica.

Sou laço –

energia e cansaço;

pedaço, sou todo;

sou toda atômica;

a tônica atômica.

Sou isto e aquilo;

sou tudo, sou nada,

sou sendo;

sabendo e esquecendo.

Eu movo parada e me mudo;
Sou lança; acossada, o escudo;
indefesa, em defesa vivendo.

Ana sim, Ana não – Ana sou.
Do uno e o múltiplo irônica:
Ana são.
Eu nasci Ana Soul.
Sou Ana, sou clara: Ana Clara.
Sou ano que vem que passou.

Ana sincrônica;
dia sim, diacrônica;
Ana, claro – e clara Ana crônica.

EMANUELE SLOBODA

Rio de Janeiro – RJ

Poetisa com carreira iniciante, possui um livro de poesias chamado “Melindre”, retratando memórias minhas de encarnação anteriores. Além de ter sido classificada no Prêmio Sarau Brasil 2016.

Título premiado: Centelha

Conheça mais obras da autora: manu.aquinos@gmail.com

CENTELHA

Rogo por tua paz

Desalmada reminiscência predestinada no além-mundo

Devoro-te com ardor

Reverencio-te

E nos teus contornos, vingo-me

Desnortado no átimo mais atroz

O gume entranhado em minha carne

Funde-se com a irrefutável avidez

Beijo-te

Como quem amou-te

No escárnio da morte

EUGÉNIA MARIA DOS SANTOS MARTINS

Costa de Caparica – Portugal

Eugénia Martins, nascida no sopé da Serra da Estrela em 1959, amadurece a coragem, enfrentando o agreste frio da serra, em sintonia com o desenvolvimento de uma beleza criativa, reflexo natural da neve e dos raios de sol, sentidos e observados pelos seus olhos curiosos. Faz carreira em Marketing e vendas, no ramo da imobiliária, informática, mas é no âmbito hospitalar e farmacêutico que se destaca, especializando-se em várias áreas, como urologia e nutrição. Publicou o livro “Isto Sim é Que é Viver”. Participou de várias antologias poéticas.

Título premiado: Amizade

Conheça mais obras da autora: eugmartins9@gmail.com

AMIZADE

Bate tão de leve na porta do meu ser
Que por instantes, me inquieta o coração,
Sem se anunciar, sem se apresentar e
Sem buscar a razão.

Entranha-se no meu peito, que
De magoado e desfeito a
Recebe sem a reconhecer.

Estranho-lhe a ousadia,
Mas o seu olhar profundo penetra na minha alma
Como um amante em cama vadia.

Pede-me a vida emprestada
Como se pedisse um beijo
Numa voz tão doce e calma
Que tranquiliza o meu mundo
E sacia o meu desejo.

Confiante, sem saber quem ela é,
Na sua teia me enleio,
A brisa forte do mar, enfrento de pé,
Erguida como uma árvore, num
Turbilhão de sentidos, sentimentos e emoções,
Na floresta que incendeio.
Sem medo do que está por vir,
Com a coragem na mão,
Num culminar atroz de curiosidade,
Pergunto então o seu nome.
Suave, respeitando a minha vontade,
Diz-me, serenamente, que se chama
AMIZADE.

FRANCISCO CÉSAR MONTEIRO GONDAR

Rio de Janeiro – RJ

Capitão de Longo Curso (Comodoro) da Marinha Mercante Brasileira Emérito da Academia brasileira de Medalhística Militar. Membro efetivo da Academia de Letras do Rio de Janeiro, cadeira número (09) Nilo de Freitas Bruzzi e Vice presidente de Honra da Divine Academia Francesa de Artes, Letras e Cultura.

Título premiado: Adivinhe quem sou

Conheça mais obras do autor: fgondar@uol.com.br

ADIVINHE QUEM SOU

Não sou do Nordeste,
tampouco gaúcho,
nem cabra da peste,
não vivo no luxo.

Eu tenho manias
de um cara legal,
que vive alegrias
de um bom Carnaval;

Que vibra e contesta
no Maracanã
e na Lapa em festa
até de manhã;

Que dança de tudo,
da valsa ao xaxado,
eu não entro mudo,
nem saio calado.

Cerveja gelada,
limão, capirinha...
ou vou pra balada
ou fico na minha;

Não sou regional,
tampouco enrolado,
se falo tão mal?
Sibilo adoidado!

O que importa, meu chapa,
é viver pra caramba
ou saio da roda ou caio no samba;

O tempo que eu pego
tá sempre esquecido,
eu devo, não nego ou passo batido;

Na terra que eu piso
tem sol de quarenta,
mulata sorriso, gringo não “aguenta.”

Na terra que eu ando
o povo é feliz:
- Barriga empurrando, metendo o nariz.

Na terra que eu moro
é o chão que eu adoro,
garota sarada, mulheres bonitas...
ou tem feijoada/ou bife com fritas.

O verão esquentou
o sol de Ipanema:
- Advinhe quem sou?
“Carioca da Gema”.

JOSAFÁ DE ORÓS

Campina Grande – PB

Poeta, residente de Campina Grande na Paraíba, tem 51 anos.

Título premiado: Pelo menos o silêncio

Conheça mais obras do autor: josafadeoros@gmail.com

PELO MENOS O SILÊNCIO

Pelo menos o silêncio
Com o caroço duro da palavra
As asas depenadas da garganta
E a pedra lançada no abismo
Venha rabiscar nos meus ossos
O manuscrito inaudito da morte.

Pelo menos o silêncio
Na agudeza do seu sopro
Venha trazer os fios das folhas
O estômato imemorial dos ventos
A gotícula mais antiga do orvalho.

Pelo menos o silêncio
Com os gracejos doidos do segredo

A sangria brava do sexo
A linha tênue da loucura
Venha com os olhos puros da alma
Solfejar nuvens mornas nos meus ouvidos.

Pelo menos o silêncio
No seu gesto invisível
Com o seu nada estridente
Emerja do fundo abissal, do escuro
Com os olhos cegos do mundo
A constelação absoluta do nada.

JULIANA CORDEIRO DE OLIVEIRA SIVA

Feira de Santana - BA

Juliana Cordeiro, escreve desde os 7 anos de idade, é formada em Letras e Mestre em Estudos Literários, ambos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Desde 2008, possui o blogger Algumas poucas palavras onde publica suas produções que mesclam entre poesias e crônicas confessionais. Em 2016, aceitou o convite para fazer parte da Confraria Poética Feminina, associação que reúne poetisas femininas de várias cidades baiana. Ainda não possui livro publicado, mas pretende publicar sua primeira obra poética aos 30 anos de idade em homenagem a Balzac.

Título premiado: Devaneio de Pandora

Conheça mais obras da autora:

julianacordeiro.academica@gmail.com

DEVANEIO DE PANDORA

Ela quer respostas,
pra perguntas em profusão...
Ebulição.

Intuição.

Menina inocente, de olhar
la

ten
te

ca

ren
te.

Adolescente que acha que sabe o que sente.

O diferente seduz.

O mistério atrai.

O sagaz ela quer,
vai atrás ou traz?

Tem um nó, na garganta
e no meio do caminho.
Me devora ou me desfaz?

KIARA BACO ANHON

Sinop – MT

Fui roteirista em um projeto de Curta Metragem, faço peças teatrais em minha Cidade, além de fazer poemas, micro contos e roteiros para curtas e HQs. Estou Fazendo cinco livros no momento (o que é meio difícil fazer ao mesmo tempo). Tenho três historias publicada no Wattpad, que estão no primeiro capitulo (infelizmente). Eu prefiro fazer mesmo músicas e poemas. E não reconhecida, até porque sou nova...

Título premiado: O poeta e a poesia

Conheça mais obras da autora: kiarabaanhon@gmail.com

O POETA E A POESIA

Eu sou um pobre poeta
Refém das linhas
Das estrofes que preenchem a poesia
E revela seu conteúdo.
Sou um amante do amor
Que se inspira na natureza
A pureza da vida.
Sou como um orvalho
Um pequeno ponto na imensidão
Um sonhador
Que unido a esperança viaja na imaginação
Vê o mundo mais colorido
E acredita
Que os cosmopolitas ainda verão
As palavras tendo vida
A realidade por trás de um livro.
Por isso escrevo

A criatividade me fez escravo
Mas prefiro prender- me em minha caixa
Do que ser fósforo de outras.

...

A poesia é como um hospital
Mostra a doença social
É como remédio
Que cura as feridas
É como um céu estrelado
Onde se aprecia a paisagem
E sonha e se inspira
Ela é de tirar o fôlego
É de fazer chorar e ri
De sentir tantos sentimentos
É de trazer reflexões, duvidas e respostas.
Ela é maravilhosa
E saber que alguém a faz
É saber que qualquer um tem a capacidade
De ser mais que um apreciador
Um sonhador
De transformar os sonhos em realidade
Emoção, papel e caneta apenas,
Para fazer nascer uma luz.

LAILA DE MAURO

Brasília – DF

Brasiliense de coração, Laila de Mauro saiu do interior de MG para morar em Brasília ainda criança, em 1959. Seu pai ajudou a construir a capital. É professora aposentada, graduada em Pedagogia e Letras, com Mestrado em Educação. Tem uma crônica publicada no livro do Prêmio SESC/DF-2014 e alguns poemas publicados em blogs, revista digital e em antologia organizada pelo Sindicato dos Professores do DF.

Título premiado: Mulheres em mim

Conheça mais obras da autora: lailamauro@bol.com.br

MULHERES EM MIM

A mulher
Que chora e sorri
Ama e também odeia
Vive em mim!

A mulher
Que supera medos
Para sobreviver
Renasce em mim!

A mulher
Que experimenta
Erra e acerta
Persiste em mim!

A mulher
Que luta

Sem da vida desistir
Remexe em mim!

A mulher
Que grita e se cala
Espera e recomeça
Amadurece em mim!

As mulheres
Tantas se instalam
Impetuosas e cautelosas
Infinitamente em mim!

LUCIANE MARIA COUTO CUNHA

Contagem – MG

Mineira enlaçada pelas palavras desde sempre, tento tecer com elas o real e o imaginário, bordando preciosas tramas. Trabalho a palavra para a cura (como psicóloga) e para o deleite (como poeta). Lancei em novembro de 2016 meu primeiro livro de poemas: Composição.

Título premiado: (Des)Estampado

Conheça mais obras d autora:

lucianecunha636@hotmail.com

(DES)ESTAMPADOEUS

A brisa que entra pela janela
sem cortinas
balança o vestido fragilmente ancorado
num cabide velho de madeira
no caixilho do basculante superior.
O vestido creme desbotado
já viu uma mulher dentro dele
sorrir e bailar
e agora, sem ela
veda parte do sol
no quarto frio e calado
e observa, impotente
as estampas que de si escorreram
e maculam o chão com flores
secas, mortas
como sua última dona.

MONIQUE SAYURI XAVIER

SHIROMA

Jacareí – SP

A autora é natural de Jacareí, interior de São Paulo, e gosta de escrever desde criança, como um modo de estar em relação consigo, com o outro e com o mundo. Formou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo, valoriza as pessoas e suas histórias. Trabalhou na área de assistência à mulher, e o interesse nesse campo influenciou a criação dessa poesia. Gosta de viajar, entrar em contato com as riquezas e vicissitudes locais. Passa seu tempo livre a contemplar a natureza e a dançar.

Título premiado: Formar-se

Conheça mais obras da autora: moshiroma@gmail.com

FORMAR-SE

Minha filha, que tu saibas
que gente não nasce pronta nem termina pronta
Já vai logo sabendo desde moça
que o destino do si é ir deixando-se pelo caminho
Tu comesas bem gigante e com as luas vais ficando
menorzinha
Quanto mais tu demoras pra ir te abandonando pela estrada,
mais peso carregas e então só pensas em ti,
deixas de ver bela paisagem e de desfrutar belas
companhias
Pra viver, minha querida, tens de abandonar uns pedacinhos
Pode parecer que vai doer,
mas depois ficas mais leve e vês melhor o que há pelo
caminho
Já adianto pra tu não te assustares:
Quando te flagrares a pensar o contrário de outrora,
Aproveita, minha cria, é o desabrochar

Desenviesa, descobre, deixa ir essa parte que sobrava e
solapava o vivido
Verás então que o sofrimento pelo qual passas não é pedra
de ataque,
mas arcabouço de compreensão
Não olhes pr'os pedaços que vão se somando pra trás,
em ti levarás a marca do que um dia já estive e que era
peso demais
Deixa ir também aquilo que guardas com vaidade
A armadilha é que o acessório ilude bem se disfarçando de
necessidade

Vai doer, eu já te digo
Mas compensa a transação
Mais vale deixar-se um pouco pelo caminho
E ver mundo
E ver gente
E ver vida
E ver outros pontos de vista
Que ser gente inteira dando voltas em si,
admirando do próprio casulo
Minha querida, não te enganes
O sedutor de si não abdica dos próprios pedaços

Parece que tomou vantagem
Mas o mundo todo é si
Não tem história não tem memória
Tome nota, filha minha, não caias nessa tentação
Mantenas teu passo mesmo que te mires
todas as auroras com a dúvida e o medo
E não te afobes quando vires
Teus irmãos de sangue e de vida
Também perderem seus pedacinhos
É perda por qual se caminha toda gente
Não te rias dos inimigos
também largando os seus miúdos pelo caminho
Nessa vida tudo muda
E aquele que desprezas, mais pra frente
Pode ser alguém com quem te afinas

Que bom que a estrada continua, eu te digo
Muito de ti já ficou pelo caminho
Preferível perder as coberturas, todas elas,
e descobrir descobrindo-se
Verás, então, que por cada pedaço que deixas,
é um mundo que tu descobres

Vai pra vida, minha menina

Vai com cuidado pelo teu percurso

Lá pra frente, vai vendo

O que vai ficando é aquilo que ainda tens precisão

Vai minorando o julgamento, o preconceito

Vai maiorando a experiência e a compreensão

Torna-te menos e vi-verás mais

RUY FERNANDO RIBEIRO DA FONSECA

Manaus – AM

Participou da Oficina para escritores com duração de uma semana, patrocinada pela Livraria Valer, em Manaus, Amazonas. 2015. Poema publicado na revista Pará+ de nome “Romeiro de Nazaré”. Poema classificado e publicado na Antologia Poética, prêmio Sarau Brasil 2016, intitulado “Banho de Igarapé”. Poema classificado e publicado no concurso nacional “Novos Poetas”. Poesia Livre 2016 intitulado “Ver o peso”.

Título premiado: Volta poeta

Conheça mais obras do autor: ruy-fonseca@uol.com.br

VOLTA POETA

Volta poeta.

Senta na mesa redonda.

Me fala dos teus versos.

Na busca de universos.

De astros vagando em ondas.

Volta poeta.

Escreve na mesa redonda.

Palavras que soam canções.

Que cantadas nas monções.

Aplausos em raios estronda.

Volta poeta.

Fica na mesa redonda.

Grafa o que vai na mente.

Usa o papel em frente.

Volta poeta.

Põe teus braços na mesa redonda.

Usa o verbo galaico-português.

Psicografa tua alma.

Volta poeta.

Usa a folha branca.

Em cima da mesa redonda.

Escreve sobre o humano.

A ética e o livre arbítrio.

Volta poeta.

Mas se não gostas da mesa redonda.

Vem a Volta Redonda.

E escolhe qualquer mesa.

SÉRGIO LUÍS BORGES CRUZ

São Paulo – SP

Em que pese a observância de uma “pequena biografia”, acredito que minha pouca idade (19 anos) torna a execução deste texto um grande desafio. Tudo o que consigo dizer é que sou estudante de direito e, quando não estou debruçado sobre livros técnico jurídicos, ora faço poesia, ora estou com as pessoas que amo e que me ensinam, a cada dia, uma nova perspectiva do mundo e, conseqüentemente, impulsionam-me a debruçar sobre livros técnicos jurídicos (a fim de me estabelecer e conseguir melhorar, mediante meu trabalho, o que houver ao meu alcance) e a escrever poesias (justamente pelas sensações que me proporcionam e ensinamentos que me apresentam).

Título premiado: Aylan Kurdi

Conheça mais obras do autor:

AYLAN KURDI

Nesse passo inconstante
Entre valores e o pódio
Conduas erradas
Celebram o ódio
Dos degraus corporais
dessa escada humana
O pico revela
A releitura profana
Quanto sangue o sagrado derrama?
História apontada
Verdade impura
Anestesia
Pior que a censura
Intolerância sobre a cultura
Sangue que afoga
Certeza que mata
Fecham fronteiras
Cortina de lata

Refugiem-se no mar da hipocrisia
Dizem os grandes líderes mundiais
Pois as guerras cantam
E aumentam capitais
Na areia, a criança dorme o sono sem fim
No chão, repousa a esperança
E o silêncio
Dói

SÍLVIO EDUARDO PARO

Santa fé do Sul – SP

Cursou Letras na UNESP – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de São José do Rio Preto - SP.

Título premiado: Acaso

Conheça mais obras do autor: separo@hotmail.com

ACASO

Sei que não entendes
o motivo do meu sarcasmo,
das minhas palavras repletas de fuligem e de escárnio,
do toque de meus dedos escuros
nesse papel branco solitário.

É que sou poeta e sonho um sonho absurdo,
e me valho de imagens de meus olhos surdos,
para criar o improvável.

E não há dificuldade, atribulação ou gesto
que possa impedir um poeta de sonhar,
ainda que sonhar seja um fruto incorreto.

Vivo ao acaso, como se o amanhã não fosse certo,
e, às vezes, o acaso é tudo de que precisamos
para criar o verso imastigável, o grão indigesto.

WESLEY MOREIRA DE ALMEIDA

Feira de Santana – BA

Wesley Almeida é escritor e compositor. Natural de Feira de Santana, Bahia, é graduado em Letras pela UEFS e atua como revisor e colaborador do Jornal Fuxico (do Núcleo de Investigações Transdisciplinares – NIT/UEFS). Recebeu o Prêmio Sosígenes Costa de Poesia pelo livro Memórias Fósseis (Editus,2016). Escreve no blog Lê-tranças.

Título premiado: Escuta

Conheça maos obras do autor: letrancas.blogspot.com.

ESCUITA

Desfiz um poema eliminando versos
acrescentando vácuos
para a percepção nova do silêncio oculto
na beira do rio das palavras.

Cortei uma rima
como quem despe estribilhos
como quem quebra uma corda
inventa uma roda
afina um instrumento,
um filho.

Enxuguei gelo
mudando sintaxes
mantendo sentidos

li alto

seu menor fragmento

calei

e me fiz

todo ouvidos.

Destiques

Sul

Fluminenses

(Poesia)

ANDRESON LUIZ DE JESUS

Resende – RJ

Físico, Mestre em Física, faz doutorado em Física na Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda. Escreve poemas desde a adolescência.

Título destacado: Distante deserto

Conheça mais obras do autor: andersonchy@yahoo.com.br

DISTANTE DESERTO

É nas dunas d'um deserto
Onde sopra uivante vento
O lugar onde por certo
Estou sempre em pensamento

É neste lugar inóspito
E belo a todo momento
Onde espero achar o óbito
De todo meu desalento.

Ó eterno azul, O céu!
Sob onde tremula o véu
Encobrimo um rosto alheio

Que lá permanece ao léu
Sobre a duna em fogaréu
A olhar solitário o meio.

ainda escondia a Volta Redonda imensa
que aquele outrora oitavo distrito se tornaria.

Já foi lugarejo, depois freguesia,
viu o café cair, o gado leiteiro se sobressair,
foi terra diminuída até ver a escravatura abolida,
tornou-se distrito, depois Eldorado,
para finalmente assumir a vastidão voraz e sublime
de seu definitivo aço.

Largou o católico Santo Antônio,
outrora em seu nome colado,
pra se tornar Volta Redonda grande,
com mais tendência à ciência que ao bispado,
mas, para não abandonar o passado cristão,
manteve o divino nas orações
de seus devotos operários.

Nas reviravoltas do progresso,
a Voltinha cresceu, virou cidade,

e, nas revoltas contra o retrocesso,
a Volta Redonda estabeleceu a sua liberdade!

EDMILSON NAVES DE OLIVEIRA

Resende - RJ

Edmilson Naves de Oliveira nasceu em Barra Mansa, estado do Rio de Janeiro – Brasil. Começou a escrever contos curtos, crônicas e poesias na década de noventa, mas só nos anos dois mil iniciou suas postagens no seu blog pessoal, então passou a se dedicar à escrita. Publicou os livros Certas palavras I – Pequenos contos (2012); Certas palavras II – Contos diversos (2013); Poemas voadores (2014); Antologia Palavras Abraçadas – Poemas (2016), Crônicas Urbanas – Crônicas (2016), Caminos y Poesias (2016 – em língua espanhola).

Título destacado: Aprendiz de poeta

Conheça mais obras do autor:

edmilsonnaves.escrito@gmail.com

APRENDIZ DE POETA

De tanto ler

Consumir e tragar palavras

Sonhar com frases latentes

Declarando o amor fatal

Admirar poetas distantes

De declamar poemas

De amores perfeitos

De guardar no peito

Dores extraídas da desilusão

Por soletrar poemas negros

Que consomem o sono

De chorar sobre cartas

Sem remetentes e secretas

De tanto viver os sentimentos

Tornou-se aprendiz de poeta

EDUARDA VAZ GUIMARÃES

Volta Redonda - RJ

Eduarda abraça o mundo pela poesia. Para ela, escrever é sentir, doar e, quando necessário, resistir. Duas de suas poesias foram publicadas pela Revista Pólen, em 2016. Seus versos também voaram para o canal e projeto Movimento Inteligente de Kelly Lemos, com quem possui parceria. Participa da tradução da obra *Entremés de La Campanilla*, de Agustín Moreto, orientada por Miguel Zamorano. Desde 2015, cursa Letras: Português/Espanhol na UFRJ.

Título destacado: *Voem, borboletas*

Conheça mais obras da autora:

eduardavazle@gmail.com

VOEM, BORBOLETAS

Vento brando entra pela fresta
Cuidadoso silencioso não doloroso
Encosta em teu frágil corpo
Com piedade dá beijo na testa
E leva
Te envolve aos poucos
Num abraço dado morno
E leva
Confia nesse novo voo
Confia nessa nova casa
Que é melhor que aquela
E leve vá
Tua pureza e tua luz
Estão agora libertas

KLEIN CUNHA DUARTE

Volta Redonda - RJ

Poeta, Professor, Pesquisador (História de Volta Redonda),
Autor de “SIDERAIS URGÊNCIAS” (Poesias reunidas, no
Prelo).

Título destacado: Siderurgia (Como ser Poeta em cidade de
aço)

Conheça mais obras do autor:

kleincd@bol.com.br

SIDERURGIA

(COMO SER POETA EM CIDADE DE AÇO)

Surpreende o dia nos bicos das chaminés ...

Lançam aos Céus linhas de grafite

que perseguem a lousa azul-celeste

Trêmulas e cálidas linhas

Aérea letra de criança.

Dos “resfriadores” da Siderúrgica no bairro Conforto,

ao sol sobressaem a fumaça alva, vapor em cúmulos

Projeto de nuvem fabricada

Ressoante ... Reincidente ...

Esculturas se formam em nuvens carbonárias

Um Elefante surge, na grande massa nebulosa,

ascende-se à uma águia violácea
e Morre, tingido de nada.

O vício não é a busca da forma
mas a reinvenção do criado em criador ...
E quem disse que o céu não é chegado a um 'viciozinho' ?

Ele agradece a Usina por seu cigarro de lata, por suas
cinzas de escória
e por seu enorme cinzeiro de terra

- quanta terra, oh! Deus - a Terra toda.

LUIZ PAULO DA CONCEIÇÃO CASTILHO

Volta Redonda - RJ

Me chamo Luiz Paulo, tenho 21 anos, nascido e criado em Volta Redonda, estudante do 4º período de Direito que tem aspiração de gravar um curta-metragem algum dia, poeta nas horas vagas ou quando a mente está cheia pois escrever é sempre a melhor alternativa.

Título destacado: Nicotina

Conheça mais obras do autor:

luiz.p.castilho@hotmail.com

NICOTINA

Ah nicotina

Quanto já te saboreei

Seu gosto me dava até arrepio

Uma sensação de êxtase continuo

Com uma vontade de permanecer com você

Mesmo sabendo dos seus malefícios

Era algo que me dava o maior prazer

O tempo foi passando

E a minha paixão por você aumentando

Cada vez sempre mais

Te sugava sem deixar nada para trás

Para aproveitar cada sensação

Cada momento inesquecível

Sempre com mais animação

Só que chegou em um momento

Estava cego pelo seu doce sabor
Que ficou amargo subitamente
Já não tinha o mesmo prazer de anteriormente
A falta de ar que eu ignorava
A partir de agora me incomodava
E o meu prazer se tornou um vício

Devo te abandonar a partir desse ponto
Pois qual o sentido de um prazer
Se ele se torna uma dependência?
Mas sei muito bem que a sua carência
Em meu cérebro, em meu corpo
Será bem dolorosa no início
Posso tender ao suicídio
Mas essa vontade passará com o tempo

E aqui estou
Pronto para te abandonar
Sem pensar em uma próxima vez
Sem recaídas de mês em mês
Pois a saudade que me deixará

Fará bem para mim mentalmente
E meu corpo agradecerá
O dia em que te larguei finalmente
Pois o tempo irá cicatrizar
A ferida mais prazerosa e letal
Que foi você ao me marcar

MARCELLO HENRIQUE PASSOS

Volta Redonda - RJ

26 anos, Físico, Poeta e morador de Volta Redonda desde 2006. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente, aluno de Doutorado em Física UFF. Amante da literatura desde novo, escrevendo histórias em quadrinhos quando criança e na fase adolescentes rabiscando alguns poemas. Fã e leitor de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Na fase adulta me tornei-me muito influenciado pelas poesias de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira.

Título destacado: Cansaço

Conheça mais obras d autor:

marcellopassos123@gmail.com

CANSAÇO

Cansaço,
Fadiga os músculos,
Corrói o ânimo,
Destrói os planos.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

O arrasto dos passos
Aponta a fraqueza,
Demonstra a moleza,
Parece lerteza.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

O corpo padece,

A mente enfraquece,
Você amolece,
O cansaço aparece.

Na cidade do aço,
Queria eu, suportar o cansaço.

Na selva de concreto,
Já é quase certo,
Só vive quem é de aço,
Quem não sente o cansaço.

RICARDO VIEIRA

Volta Redonda - RJ

32 anos, natural de Volta Redonda. Jornalista formado pela primeira turma do UniFOA, com pós-graduação em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte, pela Facha. Iniciou a trajetória profissional no jornalismo no Diário do Vale. Passou por também pela Band Rio Interior e pela Carta Z Notícias. Trabalha há quatro anos com Marketing Digital e hoje é coordenador de marketing da Contentes.

Título destacado: A última vez que -não- disse eu te amo

Conheça mais obras do autor:

ricardo.c.vieira@hotmail.com

A ÚLTIMA VEZ QUE -NÃO- DISSE EU TE AMO

Dia relativamente agradável
A fase já foi pior
Mas o desgaste deixa o ar denso

Ele queria que a paz do início voltasse
Ela queria comer
Fez um sanduíche pra ela

Duas mordidas e agradeceu
No coração algo moribundo se animou
Abraçou-a por trás
De se declarar já tinha perdido a prática
Ajeitou o euteamo na garganta

Nossa, a Bela Gil exagera, né?!

Ainda abraçado tentou se recuperar

“Sei lá da Bela Gil”, engoliu

O que veio primeiro, a falta de paciência ou o caminho pro buraco?

Como reagir?

Eu te amo é um bom começo

Ai, amor, você está me apertando

TATIANA CONDE MOREIRA DE JESUS

Itatiaia - RJ

Título destacado: Tempo algoz

Conheça mais obras da autora:

tatyrajaa82@gmail.com

TEMPO ALGOZ

Devora-te o tempo em sua dimensão paradoxal.
É coerente pensar que não passa d'uma...
Ínfima percepção mundana!
Engana teus olhos e alma Humana
Consome- te como fogo em matéria
Simplesmente modifica, transforma e nada resta.
Na sua ambiguidade antagônica, diz-se piedoso,
Afim de que é errôneo pensar, pois está...
Retorcendo agônico, não é irônico?
Porém a cada momento te faz lembrar o que queres
esquecer
Tempo algoz, tempo este que te faz desvanecer.

Publicações

da

AVL

A Academia Volta-redondense de Letras (AVL) iniciou em 2015 ações voltadas a geração de novos espaços de divulgações de obras literárias, notadamente da cidade de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense. Para tanto foram criadas inicialmente duas coleções: *Antologias da AVL* e *Antologias de concursos literários*. A primeira coleção visa a publicação de obras em verso e prosa, nos mais variados gêneros de acadêmicos e escritores da região. A segunda coleção visa publicar textos premiados em concursos e prêmios literários promovidos pela academia. A AVL tem registro junto a Biblioteca Nacional e a Agência Brasileira de ISBN para ajudar escritores da região com a publicação de suas obras.

Nos dois primeiros anos, foram publicadas cinco obras:

Antologia Luz e Poesia (2015) – antologia de poemas premiados do concurso Luz e Poesia promovidos entre estudantes de Volta Redonda, em parceria com a UFF, em homenagem ao Ano Internacional da Luz.

(disponível gratuitamente em versão eletrônica na página da AVL: www.avl.org.br)

Antologia Prosa & Verso 2015 e 2016 – antologia de textos dos acadêmicos da AVL. Edição especial de dez anos de fundação. Trata-se da primeira antologia da AVL.

Antologia de Textos premiados no PMJML 2016 e 2017
– antologia de textos premiados na primeira edição do Prêmio Maria José Maldonado de Literatura
(disponível gratuitamente em versão eletrônica na pagina da AVL:
www.avl.org.br)

Uma publicação da
Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br